

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Bruno Rodrigues Dias

**A UTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE
AVENTURA COMO FERRAMENTA AUTORREGULATÓRIA
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Rio de Janeiro
2024



Bruno Rodrigues Dias

**A UTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO
FERRAMENTA AUTORREGULATÓRIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientador: Dr.^a Kátia Regina Xavier da Silva

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

D541 Dias, Bruno Rodrigues

A utilização das práticas corporais de aventura como ferramenta autorregulatória nas aulas de Educação Física / Bruno Rodrigues Dias. - Rio de Janeiro, 2024.

100 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Kátia Regina Xavier da Silva.

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Educação física e treinamento. 3. Esportes de aventura. 4. Autorregulação da aprendizagem. 5. Formação docente. I. Silva, Kátia Regina Xavier da. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 613

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Bruno Rodrigues Dias

**A UTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO
FERRAMENTA AUTORREGULATÓRIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: 30/10/2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Kátia Regina Xavier da Silva (orientadora)
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Fabiano Lange Sales
Colégio Pedro II

Prof.^a Dr.^a Michele Pereira de Souza da Fonseca
UFRJ

Rio de Janeiro
2024

AGRADECIMENTOS

Venho agradecer a todos que contribuíram de alguma forma até este momento! Este mestrado é fruto de muito esforço coletivo e de muita luta. Alguns incentivadores e promotores dessa jornada não estão mais entre nós, mas tenho certeza do orgulho que estão sentindo onde estiverem. Sinto a presença de vocês todos os dias aqui comigo...

Aos presentes neste plano, meu agradecimento por terem dedicado tempo e energia comigo. Cada ajuda foi fundamental na minha caminhada, mesmo que o contato não seja cotidiano. Nunca estive sozinho nesta batalha e essa é a parte mais bonita desta história.

Aos meus companheiros de luta, ideia, cada discussão, cada gota de suor, cada xerox, cada viagem, cada risada não foi em vão, vocês também estão comigo. Todo esse “cadinho” virou um “cadão”, que parece estar dando samba. A luta continua e está cada vez mais pesada, não podemos esmorecer jamais! Sem nossa utopia, o mundo estaria menos feliz.

À minha família, só tenho a dizer que este título é de vocês! Sempre foram meu suporte e minha energia vital. Sem o aconchego do lar e sem ter para onde retornar, esta caminhada não (r)existiria. Por mais que não estivesse sozinho na caminhada, vocês foram meu pouso, meu respiro.

À minha mãe, você não tem ideia do tamanho da senhora. Apesar de baixinha, você é uma gigante que criou os filhos sozinha. Hoje, mais do que nunca, percebo sua façanha! Mesmo tendo ajuda de Dona Petrinha e Tia Helô, sua batalha foi duríssima para criar com dignidade e honestidade seus dois filhos.

À minha esposa e o meu filho, vocês chegaram na hora exata. São a inspiração necessária em minha vida. Cada momento com vocês é para lá de especial! Kele, sua energia intensa movimenta o mundo a sua volta e comigo não seria diferente. Joaquim, seu sorriso me trouxe ainda mais vontade de viver. Amo vocês! Mais do que ontem, menos do que amanhã...

Aos meus colegas de trabalho, passamos por muitas aventuras boas e outras nem tanto. Só quero dizer a vocês que valeu a pena ter passado por tudo isso. À “famílinha” Tijuca CPII, meu muito obrigado! Vocês contribuíram demais com esta jornada.

À minha orientadora, Kátia, pela oportunidade de realizar essa pesquisa e à banca de qualificação e defesa, professores Fabiano e Michele pelas importantes contribuições ao texto.

Para finalizar, “Bruno de óculos”, meu amigo Bruno Gouvêa, você foi determinante para que tudo isso ocorresse! Você me abraçou e me incentivou antes mesmo da minha entrada no curso de mestrado. Tenho noção do meu privilégio e reconheço que você foi o “mentor” desse processo. Sem sua ajuda nada disso teria sido concretizado. Meu muito obrigado!

O conhecimento livresco tem um valor formal e importado, enquanto o saber informal é adquirido pela experiência direta e indireta. Assim, os conhecimentos livrescos são importantes, devem ser cultivados, mas não conferem sabedoria.

(Nei Lopes, 1942)

RESUMO

DIAS, Bruno Rodrigues. **A utilização das práticas corporais de aventura como ferramenta autorregulatória nas aulas de educação física.** 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2024.

O trabalho com a temática Práticas Corporais de Aventura (PCA) nas aulas de Educação Física pode proporcionar experiências que levem ao desenvolvimento de reflexões sobre potencialidades e dificuldades corporais, emocionais e sociais. Nesse viés, as PCA podem ser um conteúdo interessante para os estudantes nas aulas de Educação Física. O presente trabalho tem como objetivo geral investigar de que forma as PCA podem servir como ferramentas autorregulatórias na prática de atividade física e nos cuidados com a saúde física, emocional e social nas aulas de Educação Física Escolar. Desse objetivo, decorrem outros específicos: construir uma Unidade Didática para o desenvolvimento do tema PCA nas aulas de Educação Física Escolar; apresentar possibilidades de explorar os conteúdos *Slackline*, *Le Parkour*, Skate, Corrida de Orientação, *Trekking* e trilhas ecológicas como ferramentas autorregulatórias na prática de atividade física; avaliar o potencial de aplicabilidade da Unidade Didática nas aulas de Educação Física em um *workshop* para professores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, realizada com professores de Educação Física que atuam ou já atuaram na Educação Básica. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionário via *SurveyMonkey* e observação das vivências práticas que foram realizadas ao longo da atividade de extensão. O produto educacional fruto deste trabalho consistiu em uma Unidade Didática sobre as PCA nas aulas de Educação Física Escolar, o qual foi apresentado no *workshop* e serviu para que os professores participantes pudessem experimentar as atividades propostas no material. Os resultados evidenciam o potencial autorregulatório do conteúdo de PCA nas aulas de Educação Física e os dados direcionam a aplicabilidade da Unidade Didática na realidade vivenciada nas escolas. Além disso, a aplicação do *workshop* foi avaliada como positiva no aspecto formação continuada de professores que atuam na educação básica.

Palavras-chave: Educação Física; práticas corporais de aventura; autorregulação.

ABSTRACT

DIAS, Bruno Rodrigues. **A utilização das práticas corporais de aventura como ferramenta autorregulatória nas aulas de educação física.** 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2024.

Working with the theme of Adventure Body Practices (ACE) in Physical Education classes can provide experiences that lead to the development of reflections on bodily, emotional and social potentialities and difficulties. In this respect, ATP can be interesting content for students in Physical Education classes. The general aim of this study is to show how PCA can serve as self-regulatory tools in the practice of physical activity and in physical, emotional and social health care in school PE classes. Other specific objectives follow from this: to build a Didactic Unit for the development of the PCA theme in school physical education classes; to present possibilities for exploring the contents of Slackline, Le Parkour, Skateboarding, Orienteering, Trekking and ecological trails as self-regulatory tools in the practice of physical activity; to evaluate the potential applicability of the Didactic Unit in physical education classes in a workshop for teachers. This is a qualitative, descriptive and exploratory study carried out with Physical Education teachers who work or have worked in Basic Education. Data was collected by applying a questionnaire via SurveyMonkey and observing the practical experiences that took place during the extension activity. The educational product resulting from this work consisted of a Didactic Unit on PCA in School Physical Education classes, which was presented at the workshop and was used so that the participating teachers could try out the activities proposed in the material. The results show the self-regulatory potential of the PCA content in Physical Education classes and the data points towards the applicability of the Didactic Unit in the reality experienced in schools. In addition, the application of the workshop was evaluated as positive in terms of the continuing education of teachers working in basic education.

Keywords: Physical Education; adventure body practices, self-regulation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas da construção até a avaliação _____	41
Figura 2 – Nuvem de palavras sobre as motivações para participação no workshop _____	48
Figura 3 – Temas referentes às informações que deverão compor a Unidade Didática_____	58
Figura 4 – Temas referentes à avaliação dos conteúdos apresentados no workshop _____	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organização das atividades do workshop “Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física” _____	34
Tabela 2 – Estrutura das oficinas _____	44
Tabela 3 – Organização das respostas às perguntas sobre experiências dos cursistas e sua experiência com o ensino das PCA _____	53
Tabela 4 – Barreiras (falta de) para ensinar PCAs na escola (%) _____	55
Tabela 5 – Códigos iniciais _____	90
Tabela 6 – Estabelecimento dos temas finais para análise _____	91
Tabela 7 – Estabelecimento dos códigos iniciais _____	92
Tabela 8 – Estabelecimento dos temas finais para análise _____	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos participantes _____	45
Gráfico 2 – Formação Inicial dos participantes _____	46
Gráfico 3 – Formação Continuada dos participantes _____	46
Gráfico 4 – Participação em disciplinas que abordavam as Práticas Corporais de Aventura ao longo da graduação _____	47
Gráfico 5 – Busca por formação relacionada à Esportes de Aventura _____	47
Gráfico 6 – Tempo de atuação na Educação Básica _____	49
Gráfico 7 – Rede de ensino de atuação dos participantes _____	50
Gráfico 8 – Vivência pessoal em Práticas Corporais de Aventura _____	50
Gráfico 9 – Utilização de PCA nas aulas de EFE _____	51
Gráfico 10 – Respostas para a pergunta 33 _____	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CP2 – Colégio Pedro II

MPPEB – Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

EEFD – Escola de Educação Física e Desportos

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EFE - Educação Física escolar

PCA – Práticas corporais de aventura

TSC – Teoria Social Cognitiva

AR – Autorregulação

ARA – Autorregulação da aprendizagem

AE – Autoeficácia

AED – Autoeficácia docente

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

PC – Projeto Calango

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.2 Justificativa	18
1.3 Objetivos da pesquisa	19
1.3.1 Objetivo Geral	19
1.3.2 Objetivos Específicos	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	20
2.1 Normativas brasileiras acerca das práticas corporais nas aulas de Educação Física na educação básica	20
2.2 Práticas Corporais de Aventura na Educação Básica	21
2.3 A Teoria Social Cognitiva (TSC) e sua relação com a Educação Física	23
3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	28
3.1 Descrição das etapas da pesquisa	28
3.2 Perfil dos participantes	29
3.3 Materiais e Instrumentos de coleta de dados	29
3.3.1 Estrutura do Questionário	30
3.4 <i>Workshop</i>: Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física	31
3.4.1 Oficina de <i>Slackline</i>	35
3.4.2 Oficina de <i>Le Parkour</i>	36
3.4.3 Oficina de <i>Skate</i>	37
3.4.4 Oficinas de <i>Trekking</i> e Corrida de Orientação	37
4 PRODUTO EDUCACIONAL: AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	39
4.1 Estratégias de entrada em campo	39
4.2 Apresentações do Produto Educacional	43
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	45

5.1 Caracterização dos participantes	45
5.2 Análise e interpretação dos dados referentes às experiências prévias dos cursistas e sobre as vivências experimentadas nas oficinas	52
5.3 Análise Temática: Avaliação sobre as potencialidades do Produto Educacional	57
5.3.1 Tema 1: Instruções Pedagógicas	59
5.3.2 Tema 2: Informações Técnicas	60
5.3.3 Tema 3: Sentimentos correlatos	60
5.3.4 Tema 4: Informações sobre segurança	61
5.4 Análise Temática: Avaliação dos cursistas sobre o <i>Workshop</i>	62
5.4.1 Tema 1 – “Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas possibilidades”	63
5.4.2 Tema 2 – “Apoio Social”	64
5.4.3 Tema 3 – “Ficou faltando”	65
5.4.4 Tema 4 – “Experiências e reflexões”	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DO CURSO DE EXTENSÃO	78
APÊNDICE B – ANÁLISE DOS DADOS DO CURSO DE EXTENSÃO	90
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	99
ANEXO A – PARECER DO CEP COM APROVAÇÃO	100

1 INTRODUÇÃO

O contato com a natureza favorece a exploração dos espaços e o aprimoramento das percepções corporais, além de estimular os sentidos e possibilitar o desenvolvimento integral do indivíduo, sendo considerado ambiente enriquecedor para crianças, tanto quanto para adolescentes, jovens e adultos. Esses benefícios são mencionados em diversas orientações de Organizações de saúde no Brasil e no mundo. São encontradas menções importantes no Guia de Atividade Física para a população brasileira do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), além de estar documentadas na Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), e na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Nessa medida, o presente estudo parte da minha trajetória pessoal com os esportes de aventura, já que desde a infância tive a oportunidade de estar em contato com a natureza e realizar atividades ao ar livre. O fato de, na ocasião, viver próximo ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), em Petrópolis, fez com que as práticas de aventura despertassem meu interesse pelas mais variadas atividades, como escalada, *trekking*, trilhas, travessias, *via ferrata*¹ e acampamentos coadunando, inclusive, com a escolha em ingressar na graduação em Educação Física.

Sendo assim, e bem como afirma Silva (2000, p. 17), “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”, portanto, tais experiências contribuíram para o meu interesse na aplicação desse conteúdo nas aulas curriculares de Educação Física Escolar (EFE). Essas experiências foram a ponte para os estudos, aprofundamentos e para o reconhecimento da necessidade de fundamentação dessas práticas no ambiente escolar e do incentivo às vivências das Práticas Corporais de Aventura (PCA) como conteúdo a ser desenvolvido nas escolas, na tentativa de ampliar o repertório da cultura corporal de movimento, além de proporcionar experiências significativas nos campos motor, afetivo, emocional e social dos estudantes.

Ao chegar na escola para atuar, e desde o estágio, pude perceber o quanto as modalidades de esportes e práticas corporais de aventura ainda estão distantes do cotidiano. Ainda no período da graduação e, devido à minha participação no Projeto de Extensão

¹ Expressão do italiano que significa algo como "caminho de ferro" – são trilhas de montanha tornadas mais seguras através da utilização de equipamento especial como cabos de aço, mosquetões, cintos de segurança, degraus e, às vezes, até mesmo escadas ou pontes.

“Calango²”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde estudei e fiz os estágios curriculares e extracurriculares, despertou o interesse em levar os conteúdos que exploram a temática para o planejamento das aulas de educação física, acreditando que essa ampliação de experiências poderá proporcionar impacto positivo em pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo aquelas em idade escolar.

O projeto Calango foi inspirador para minha formação. Tive a oportunidade de fazer parte de um período importante, quando o projeto ganhou corpo e espaço dentro da Universidade, proporcionando um ganho teórico-metodológico consistente. A partir disso, foi incorporado ao UFRJmar, um projeto interdisciplinar que abrigava diversas oficinas, oferecidas por diferentes cursos da graduação, com o objetivo extensionista de levar a universidade à população. Devido a essa expansão, foi criada a oficina de *Slackline* com o intuito de agregar mais uma atividade “radical” e contribuir para os benefícios da atividade. Com isso, facilitou-se o processo de dedicação, organização e planejamento das oficinas oferecidas. Essa experiência foi determinante para identificar os benefícios aos praticantes para além do esforço físico, como os benefícios cognitivos, motores e sociais que logo foram alcançados com a prática pedagógica utilizada nas oficinas.

Os conhecimentos psicomotores e afetivos foram introduzidos com maior rigor pedagógico, e as relações contribuíram com as atividades práticas das oficinas. Os benefícios sobre a concentração, a coordenação motora, o ganho de confiança, a perda do medo de se aventurar, o ganho muscular, as noções de auto-segurança e os ganhos nas relações sociais foram privilegiadas nos objetivos gerais e específicos do planejamento das oficinas e do projeto interdisciplinar de maneira geral.

Foi a partir dessa experiência como licenciando e integrante da Coordenação de Extensão da EEFD que a relação entre prática e teoria se iniciou pois, nesse momento, os conhecimentos além da prática se tornaram importantes na atuação pedagógica.

Dessa forma, ao passar a lecionar nas redes particular e pública de ensino, o trabalho pedagógico com esportes radicais com o objetivo de beneficiar os estudantes com novas experiências relacionadas à cultura corporal de movimento, sempre foi uma prioridade. Tais conteúdos dificilmente compõem o cronograma das aulas de EFE e pouco são explorados além de, muitas vezes, não serem entendidos como conteúdo curricular.

² Esse projeto de extensão foi desenvolvido pelo prof. Armando Alves e contava com a participação de bolsistas da graduação de Educação Física da UFRJ. O objetivo inicial a apresentação do esporte radical, a escalada esportiva, como conteúdo das aulas de EFE para a comunidade acadêmica como forma de inovação no campo.

Introduzi no planejamento algumas atividades que se aproximavam dos esportes radicais. Entretanto, no cotidiano escolar, pude perceber o quanto poderia ser desafiador manter essas atividades no planejamento curricular, uma vez que a falta de conhecimento pedagógico dessas modalidades por parte da gestão e direções pedagógicas pode ser um obstáculo a ser enfrentado. Simultaneamente, pude identificar lacunas existentes que precisavam ser preenchidas na argumentação teórico-prática para a implementação desses esportes no planejamento.

Diante deste cenário, tive aproximações com o conceito de autorregulação, percebendo a relevância desse constructo para a atuação pedagógica, dando suporte teórico-metodológico para alicerçar a prática docente. Além disso, o conteúdo de PCA demonstrou ter relevância devido aos desafios impostos pelas atividades que as compõem e que podem ser utilizadas pelos docentes como forma de trabalhar as emoções e a autorregulação junto aos estudantes.

A importância da autorregulação das emoções pode ser entendida não apenas na relação com as estratégias desenvolvidas para lidar com as emoções, mas também com o processo de aprendizagem. A autorregulação é fundamental para o desenvolvimento do autoconhecimento e do controle sobre pensamentos, emoções, motivações e ações. Refere-se aqui à capacidade do ser humano ser autorreflexivo, ou seja, não apenas pensar, mas refletir sobre os próprios pensamentos, o que envolve a consciência de si mesmo (Boruchovitch, 2014).

Junto disso, a partir da análise de documentos oficiais, tais como LDB (Brasil, 1996) e os PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), pude observar que, embora haja uma unidade específica nos PCNs para discutir o assunto Saúde e Meio Ambiente, existem lacunas importantes na discussão acerca de questões relacionadas à atividade física e ao meio ambiente.

Sendo assim, o ingresso no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB/CPII), em 2022, contribuiu para a identificação do meu problema de pesquisa: a dificuldade de trabalhar com o conteúdo de PCA nas aulas de Educação Física e por que razão essa aplicação era tão contestada por meus colegas. Além disso, fazer deste tema uma pesquisa acadêmica de cunho pragmático constitui a oportunidade de associar o interesse pessoal pelas PCA, com o desejo de trabalhar de forma sistematizada esse conteúdo como componente curricular nas aulas de Educação Física. Pesou a favor, ainda, a possibilidade de fundamentar as próprias práticas pedagógicas a partir de referenciais cientificamente reconhecidos e produzir conhecimento na, sobre e a partir da prática docente.

A prática docente a partir de Temas Transversais é desafiadora por natureza. Com esse pensamento, assumi a responsabilidade de atuar com o conteúdo Esporte Radical a fim de diversificar os conteúdos vivenciados na prática cotidiana pelos estudantes. Neira e Nunes (2011) indicam que há predominância na abordagem de conteúdos de caráter esportivo e coletivo, com grande aspecto eurocêntrico, nas aulas de Educação Física Escolar. Ao optar pelo trabalho com Esportes Radicais associados a temas emergentes da sociedade brasileira, busco ampliar essa lógica historicamente imposta. Essa mudança de estratégia vem conseguindo integrar os conteúdos curriculares com as práticas da Pedagogia da Aventura (Dimitri, 2019) e trouxe para a escola um novo olhar frente aos conteúdos hegemônicos, já que as experiências e práticas de sensibilização por meio das PCA, aos poucos, ganharam força e mobilização por parte dos estudantes e de seus familiares.

Com a proposta de proporcionar aos estudantes a experiência de se aventurarem nessas práticas, tenho como objetivo encorajar esses discentes a exercer tais práticas em ambiente externo próximo às suas residências, como praças, parques, vilas olímpicas, áreas públicas de lazer e/ou reservas florestais. Isso feito de forma orientada, por meio de um planejamento pedagógico fundamentado, organizado e incentivador que amplie o acervo da cultura corporal de movimento dos alunos.

Dito isso, o presente estudo tem como tema as “Práticas Corporais de aventura” (PCA) nas aulas de Educação Física Escolar. A hipótese levantada é que a utilização pedagógica desse conteúdo como ferramenta autorregulatória da disciplina pode ser útil tanto para professores quanto para estudantes que tiveram contato com o tema nas aulas, além da aplicabilidade prática do tema e dos conteúdos apresentados. A abordagem do tema PCA pode servir como ferramenta para a autorreflexão sobre a prática de atividade física e sobre os cuidados com a saúde física, emocional e social.

A escolha pela fundamentação teórica na Teoria Social Cognitiva (TSC) contribuiu para esse estudo na medida em que a TSC (Boruchovitch, 2019), oferece ferramentas para superação de barreiras por meio da autorregulação. Neste estudo foi possível observar que a autorregulação pode favorecer a busca por técnicas de relaxamento a partir dos conteúdos de PCA, alterando os componentes da emoção negativa nos estudantes. Pretende-se, com isso, promover a ampliação de estratégias que contribuam na regulação dos fatores que geram emoções negativas, de modo que possam ser superadas.

1.2 Justificativa

A fim de conhecer o que o campo tem produzido e justificar a potencial contribuição acadêmica da presente pesquisa, foi realizado, em setembro de 2023, um levantamento bibliográfico referente à abordagem da temática no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram três os descritores usados para a busca: Esporte de Aventura (no singular e no plural), Trilhas ecológicas e Práticas Corporais de Aventura. Foram encontradas 92 dissertações relacionadas aos descritores. Destas, nove tem o descritor Esporte de Aventura, 36 apresentam Esportes de aventura, vinte com Práticas Corporais de Aventura e 29 com Trilha ecológica.

O recorte temporal utilizado foi de janeiro de 2013 a agosto de 2023. Foram consideradas somente as dissertações disponíveis para o acesso de pesquisadores. Das dissertações encontradas, foram identificadas as seguintes temáticas associadas: formação continuada de professores; projetos de extensão; práticas de modalidades esportivas específicas; experiências pedagógicas com estudantes de Ensino Médio e de Ensino Fundamental II (sexto e sétimo anos de escolaridade).

Não foram identificadas, portanto, dissertações com o objetivo de exploração e aprofundamento nos estudos sobre a temática no currículo de Educação Física, a fim de possibilitar o crescimento do repertório dos estudantes acerca da ampliação do acervo da cultura corporal e da promoção do bem-estar a partir das PCA de seus praticantes. Também não foram encontradas pesquisas que tivessem como finalidade aprender a identificar e refletir sobre as próprias emoções e capacidades ao realizar essas atividades nem sobre estratégias para mapear e gerenciar possíveis riscos. Do mesmo modo, inexistem trabalhos que visem compreender os próprios processos autorregulatórios de alívio e de estresse ou mesmo sobre o prazer pela prática de atividade física ao confraternizar e contemplar as paisagens com seus pares. Essas informações vão ao encontro das pesquisas realizadas por Tahara e Darido (2016) e Sousa e Inácio (2020).

A importância da autorregulação é destacada neste estudo pela utilização dos conteúdos de PCA para promover atividades que proporcionem oportunidades de reflexão, podendo avaliar fatores que geram emoções negativas nos alunos. Assim, a abordagem pode permitir aos discentes aprenderem a lidar de forma mais eficaz com o estresse e a ansiedade, melhorando seu bem-estar geral.

Além disso, ao entrar em contato com conteúdos relacionados à autorregulação e às PCA, os estudantes têm a oportunidade de expandir seu repertório corporal e emocional. Isso

significa que eles podem desenvolver uma maior capacidade de gerenciar as expectativas e de adotar estratégias mais eficientes para lidar com diversas situações na vida. Essa aprendizagem não só é valiosa no contexto educacional, como também pode preparar os alunos para enfrentar os desafios do cotidiano com mais confiança e autoconhecimento.

1.3 Objetivos da pesquisa

1.3.1 Objetivo Geral

- Investigar de que forma as Práticas Corporais de Aventura (PCA) podem servir como ferramentas autorregulatórias nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) na Educação Básica.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Construir uma Unidade Didática (UD) para o desenvolvimento do tema PCA nas aulas de Educação Física Escolar;
- Apresentar possibilidades de explorar os conteúdos *Slackline*, *Le Parkour*, Skate, *Trekking*, Corrida de Orientação e Trilhas Ecológicas como ferramentas autorregulatórias na Educação Básica;
- Avaliar o potencial de aplicabilidade do conteúdo proposto na UD nas aulas de Educação Física junto a professores que atuam neste segmento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 Normativas brasileiras acerca das práticas corporais nas aulas de Educação Física na educação básica

Com base nos documentos oficiais que orientam o componente curricular de Educação Física, a saber - Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1996), Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), Leis de incentivo à prática de atividade física ao ar-livre (Brasil, 2022), Lei nº 14.393/22 (Brasil, 2022), que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental e o Guia de Atividade Física para a população brasileira (Brasil, 2021), - este trabalho se fundamenta e dialoga com teóricos que tenham contribuído com fundamentações na pedagogia da aventura (Pereira, 2019) e na autorregulação da aprendizagem (Boruchovitch, 2019).

Os PCNs, documento orientador que oferece subsídios para fundamentar as práticas pedagógicas de educadores, publicado em 1996, traz reflexões iniciais para fundamentar as práticas corporais. Completa ainda, que currículo e conteúdo não devem ser trabalhados apenas como transmissão de conhecimentos, mas sim que as práticas docentes devem encaminhar os alunos rumo à aprendizagem.

Mais recentemente, em 2017, a BNCC fundamenta “a unidade temática Práticas Corporais de Aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” (Brasil, 2017, p.216). Dessa forma, de acordo com o documento, as atividades relacionadas às práticas corporais de aventura têm como objetivo proporcionar aos estudantes maior experimentação das atividades da cultura corporal de movimento, visando desenvolver maior capacidade de conscientização de seu papel como indivíduo na sociedade, tratando das formas de experimentação corporal em ambientes desafiadores para o praticante.

Assim, por meio de suas práticas no ambiente escolar e fora dele, o aluno terá a possibilidade de acessar experiências e sentimentos relacionados a essa prática, além de poder se tornar um agente transformador da realidade, da comunidade escolar e do local onde vive através da propositura de criação de espaços públicos ou mesmo de melhorias das estruturas existentes nessas localidades para a prática de atividades da cultura corporal de movimento. Essas práticas podem ser realizadas em ambientes controlados (praças, parques, vilas

olímpicas, entre outros) e/ou em ambientes abertos (reservas florestais ou regiões de montanhismo).

Desde a publicação dessas normativas, outros documentos foram aprovados ao longo do tempo e geraram discussão sobre o assunto. A Lei nº 14.939/22, que versa sobre a prática de atividade física ao ar livre e institui o mês de junho como o mês de conscientização “Junho Verde” (Brasil, 2022), e o Guia de Atividade Física para a População Brasileira (Brasil, 2021), como já mencionado, traz informações importantes sobre a prática de atividade física ao ar livre.

2.2 Práticas Corporais de Aventura na Educação Básica

A Pedagogia da Aventura, premissa iniciada pelo professor Dimitri Wuo Pereira (2019), discorre sobre os esportes de aventura no ambiente escolar e contribui para as reflexões acerca do tema. Ela traz ao debate questões de mobilização e organização da disciplina quando se trabalha com esportes de aventura, procedendo a partir da organização do conteúdo em torno dos objetivos conceitual, procedimental e atitudinal. A divisão visa facilitar a apreensão e a prática desses esportes nas aulas regulares de EFE.

Essa mobilização se deve ao fato de existir, desde a década de 1990, uma maior visibilidade de esportes radicais nos meios de comunicação de massa, contribuindo para uma maior organização e implementação do conteúdo na realidade escolar. A exposição desses esportes via grandes mídias junto aos documentos oficiais que orientam e podem incentivar os temas relacionados à natureza e aventura criaram um cenário propício à prática nas escolas.

Importante ressaltar que os esportes de aventura ganharam espaço não apenas na grande mídia em geral como também no meio escolar, onde ganharam adeptos que tiveram o interesse de multiplicar a prática esportiva e de lazer nesses estabelecimentos. Essa prática evoluiu e se adaptou de maneira sutil na LDB, artigo terceiro, inciso X, que tem a seguinte orientação: “valorização da experiência extraescolar” (Brasil, 1996). Já nos PCNs (Brasil, 1997), percebe-se parte dessa exposição ao mencionar em seus objetivos gerais para os estudantes do Ensino Fundamental II: “Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente”. Além desse objetivo geral, estabelece relação entre os temas transversais Saúde e Meio Ambiente, considerando a prática dessas atividades como algo benéfico para além do aspecto físico.

Passa-se a considerar essas modalidades como elementos da cultura corporal de movimento que proporciona aos praticantes um momento de lazer, de fruição corporal, além de serem importantes promotores do pensar, do repensar e do vivenciar a vida em ambientes externos à escola, impactando diretamente as comunidades locais.

Segundo Tahara (2016, p. 215),

[...] a Educação Física enquanto componente curricular deve ocupar-se com o estudo do conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam com o campo do lazer, ao cuidado do corpo e à promoção da saúde, incluindo-se então os conteúdos que remetem às práticas de aventura.

Os esportes de aventura e a relação com os cuidados com a saúde trazem à tona os benefícios gerados pelas PCA à saúde física, mental, emocional e social dos praticantes, podendo evidenciar como essa prática possibilita a adesão do praticante à atividade física. Pereira e Armbrust (2010) lembram que as escaladas em montanhas na Europa já eram praticadas no início do século XIX. Há registros de que o surfe era praticado pelos povos da Polinésia há mais de dois mil anos, além de protótipos de asa delta e paraquedas projetados por Leonardo da Vinci entre os séculos XV e XVI.

Como Paixão (2017, p. 172) menciona em seu artigo, as “diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura configuram-se como possibilidades de lazer, turismo, competição e mais recentemente como propostas de temas nas aulas de Educação Física escolar”. Com isso, o objetivo da organização e realização dessas atividades de maneira sistematizada é demonstrar a viabilidade técnica e prática das modalidades mesmo com a falta total ou a ausência parcial de recursos técnicos, materiais e financeiros.

Algumas dessas atividades possibilitam grande potencial de exploração pedagógica na identificação e superação de barreiras físicas, emocionais e sociais utilizando movimentos naturais do ser humano, assim como a simples mudança de perspectiva no olhar pedagógico no cotidiano das aulas.

Sabemos que as PCA são manifestações culturais que são dinâmicas e flexíveis, essas práticas representam formas de cultura e podem ser mediadas e transformadas de acordo com a realidade do momento e essas características podem contribuir para uma maior compreensão e aceitação desse conteúdo nas escolas e na vida dos estudantes. As PCA estão inseridas na realidade da sociedade atual e podem deixar marcas significativas como menciona Inácio (2016, p. 172):

As PCAs estão inseridas em inúmeras dimensões que marcam a vida moderna em sociedade, tais como a sociabilização, a cooperação, as técnicas, a democratização

(ou não) do acesso, etc. Ainda neste objetivo, quando os alunos apreendem as PCAs como construtos humanos, percebem que as mesmas podem ser reconfiguradas, moldadas, adequadas às suas necessidades, aos seus interesses e às suas possibilidades, independentemente da forma pela qual é realizada hegemonicamente. Tal processo também lhes favorece, então, perceber relações de poder e dominação ali presentes, bem como criar estratégias e agir para sua superação.

Com o passar dos anos, alguns autores, como Uvinha (2009), Betrán (2003), Pereira e Armbrust (2019), Franco (2008) e Dias (2007), ampliaram o campo de pesquisa, e as nomenclaturas foram se diversificando. O fato importante é que todos os estudos contribuíram para a fundamentação e a divulgação de trabalhos pedagógicos realizados por professores comprometidos com a diversificação e ampliação dessa prática pedagógica da EFE e da cultura corporal de movimento.

Vale ressaltar que a discussão sobre o termo PCA foi iniciada no meio acadêmico por estudiosos da área de lazer, pois essa denominação se referia ao tempo que o estudante tinha livre para praticar atividades em ambientes fora da escola, em práticas de lazer que não distinguiam os meios ambientes naturais e os urbanos (Silva, 2005). Tahara e Darido (2016, p. 120) ressaltam o seguinte:

Especialmente no que se relaciona à área da Educação Física, cujo universo tem se ampliado para além das vivências puramente esportivas e tecnicistas, em direção a novos segmentos de prática, torna-se necessário investir esforços no sentido de se compreender essas (novas) tendências educacionais que se relacionam à aventura e suas práticas corporais.

Sabemos que existem muitas divergências de conceitos entre autores. Alguns tratam a PCA como parte integrante da cultura corporal de movimento; outros, como práticas relacionadas à educação ambiental devido à relação com o tema do meio ambiente. Mesmo com essas divergências, o que mais nos chama atenção é o fato das PCA serem utilizadas como um conteúdo que proporciona novas experiências para os estudantes, reduzindo o foco da competitividade no ambiente escolar.

Mesmo havendo algumas divergências entre os autores, fez-se a opção pela utilização do termo PCA por ser aquele a abranger mais conceitos para a discussão pedagógica do conteúdo e por estar referenciado na BNCC.

2.3 A Teoria Social Cognitiva (TSC) e sua relação com a Educação Física

A Teoria Social Cognitiva (TSC), escolhida como fundamentação deste estudo, foi criada por Albert Bandura na década de 1980 e seus conteúdos sobre as ferramentas de autogerenciamento se tornaram uma constante na vida das pessoas. A TSC, em sua essência,

não identifica o ser humano dividido em corpo e mente; o indivíduo produz e é diretamente afetado pelas ações diretas e indiretas no meio onde vive (Bandura, 2004, 2008), ou seja, é produtor e produto das próprias ações vivenciadas internamente e em sociedade. A intencionalidade é algo de grande importância para o indivíduo atingir seus objetivos.

Dentre alguns constructos da teoria, a autorregulação será utilizada como ferramenta pedagógica e servirá como fio condutor para a aplicação e mediação dos conteúdos das PCA. Segundo Boruchovitch (2019, p. 25), “[...] da utilização de estratégias adequadas e de uma autoavaliação eficaz, os estudantes poderão atingir mais rapidamente os seus objetivos, mantendo-se motivados para persistirem nos esforços necessários para aprender”.

Essas estratégias são fundamentais, uma vez que a ação autorreguladora é utilizada como fonte principal de orientação das ações pedagógicas desenvolvidas durante boa parte do percurso, favorecendo a complementação das atividades autorreflexivas a serem utilizadas nas aulas, como menciona Boruchovitch (2019, p. 125).

Partindo desse pressuposto, para esta pesquisa, a autorregulação da aprendizagem deverá ser importante na construção do conhecimento pedagógico vivenciado na prática. Além disso, proporcionará subsídios importantes para a utilização das PCA como ferramentas relevantes para a formação integral dos estudantes para além da vivência escolar, contribuindo com o desenvolvimento da autorreflexão dos mesmos.

Essa prática pedagógica, associada ao conteúdo proposto pela pesquisa, pode gerar nos participantes uma maior motivação, tornando-os mais reflexivos, compreensivos e analíticos a respeito da própria crença em suas práticas educativas, facilitando assim o processo autorregulatório (Boruchovitch, 2019).

A educação deve possibilitar que o indivíduo se reconheça como sujeito e, assim como afirma, Freire (1980), devemos refletir sobre sua situação e ambiente concreto, propondo formulações diante do novo, assumindo atitudes, comportamentos, construindo nosso perfil de “fazedores e refazedores” do mundo. Assim, assertivamente, nos coloca como sujeitos da nossa própria história. E, mesmo que algumas experiências não sejam positivas, o simples fato de terem contato e conhecimento com a atividade proposta permite aos alunos poderem tirar proveito emocional, social e corporal dessa vivência. Essa construção como indivíduo corrobora alguns conceitos da TSC, em especial o da autorregulação.

Ao ter contato com alguma atividade ou experiência na vida, qualquer indivíduo realiza uma série de pensamentos encadeados que a faz ter alguma informação sobre o que viveu. Para Bandura (2001, p. 151), a “autorregulação é vista como um mecanismo consciente e voluntário de controle, que governa os pensamentos, comportamentos e os sentimentos

peçoais [...]”. Tais situações são possíveis graças às capacidades humanas categorizadas por Bandura (2001), a saber:

- a) simbolização;
- b) pensamento antecipatório;
- c) autorregulação;
- d) autorreflexão.

Existem diferentes modelos de autorregulação da aprendizagem, mas, em linhas gerais, é consenso que ela envolve o controle dos processos cognitivos, das emoções e do comportamento (Cho; Bergin, 2009; Zimmerman; Schunk, 2011). Entre os estudiosos do tema, há uma convergência quanto à relevância das estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas) e das variáveis afetivas e motivacionais para a aprendizagem autorregulada (Boruchovitch, 2014). Baseado nesse conceito, refere-se aqui à capacidade do ser humano ser autorreflexivo, ou seja, não apenas pensar, mas refletir sobre os próprios pensamentos, o que envolve a consciência de si mesmo a partir das vivências experimentadas nas aulas. Tais conteúdos relacionados com a cultura corporal de movimento e suas possibilidades relacionadas à autorregulação podem proporcionar aos estudantes a superação de situações cotidianas enfrentadas no ambiente escolar, bem como a compreensão de sentimentos como a raiva, a ansiedade, o medo, a frustração e aqueles relacionados à incapacidade de realizar tarefas que são determinadas previamente pelo meio onde vivem.

Junto disso, a autoeficácia docente, que é o constructo da TSC, torna-se importante devido a sua relação com o professor que atua com o conteúdo de PCA nas aulas regulares. De acordo com estudos atuais, o professor que tem maiores crenças de autoeficácia tende a desempenhar papéis mais significativos em suas práticas docentes. A autoeficácia docente pode ser desenvolvida por meio de experiências diretas, experiências vicárias¹, persuasão verbal (incentivos de professores) e interpretação de estados fisiológicos (Bandura, 2008). No caso de professores de Educação Física, as crenças de autoeficácia docente podem ser desenvolvidas predominantemente a partir de experiências vicárias e da persuasão verbal (Ramos *et al.*, 2018).

¹ De acordo com Bandura (2008), entende-se por experiência vicária a construção de julgamentos sobre as próprias capacidades a partir da observação de professores mais experientes.

Embora as PCA demonstrem conquistar novos espaços na atualidade e ganhar novos significados na vida em sociedade, pensar a organização dessas vivências no cotidiano escolar é um desafio a ser enfrentado, sobretudo, quando se observam os estudos na área e as práticas pedagógicas no cotidiano escolar em referência ao currículo de Educação Física. Pensar em um currículo plural que, por um lado, envolva o preparo e a formação de professores e, por outro, conte com recursos e infraestrutura nas escolas nem sempre é uma realidade nas instituições de ensino brasileiras.

A infraestrutura das escolas públicas no Brasil é muito precária quando pensamos em espaços para a prática de Educação Física (Lavocat, 2024). E, quando temos espaços adequados, a falta de recursos destinados à aquisição de materiais pedagógicos assola a realidade vivida pelo professor. Por esses motivos, muitas vezes o docente tem que se “virar” e se reinventar para ter uma atuação pedagógica que seja significativa para os estudantes. Por outro lado, Silva (2007, p. 15) menciona que “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”. Nesse sentido, pode-se considerar que as escolhas pedagógicas são resultadas de interesses e experiências daqueles que conduzem o trabalho pedagógico – isto é, além das condições de trabalho oferecidas pelas instituições de ensino.

Essas escolhas pedagógicas, por conseguinte, interferem nas formas de ensinar e aprender. Contudo, de acordo com Bandura (2008), a aprendizagem humana não se deve somente aos processos cognitivos dos envolvidos no processo; é preciso considerar o ambiente onde se experienciam as cognições dos sujeitos e suas relações sociais. A falta de incentivo, de verbas, de estrutura física adequada e a escassez de profissionais com formação sobre o tema podem ser algumas das justificativas para a pouca incidência de estudos específicos sobre o assunto.

Nessa linha, materiais como o “*Guia de Atividade Física para a população brasileira*” (Brasil, 2021) e a própria BNCC (Brasil, 2017) contribuem para um maior embasamento das escolhas pedagógicas. Em relação ao primeiro, foi desenvolvido por pesquisadores brasileiros em parceria com o Ministério da Saúde e orienta a prática de atividade física para os mais variados grupos sociais, recomendando o exercício ao ar livre. Já na BNCC, a prática de atividades físicas ao ar livre aparece como um suporte teórico que pode contribuir para a aplicação de tais conteúdos nas aulas regulares de Educação Física, por meio dos Temas Contemporâneos Transversais e das competências e habilidades específicas da área de Educação Física. Igualmente, pode favorecer a superação e/ou a identificação das barreiras

vivenciadas pelos estudantes e promover um maior entendimento desses sentimentos para torná-los pessoas mais autorreguladas.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Considerando a relevância das discussões a respeito da temática, objetivou-se com esta pesquisa apresentar como as Práticas Corporais de Aventura (PCA) podem contribuir como ferramenta autorregulatória nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) na Educação Básica. Os objetivos específicos se concentraram em construir uma Unidade Didática (UD) para o desenvolvimento do tema PCA nas aulas de EFE; apresentar possibilidades de explorar os conteúdos *Slackline*, *Le Parkour*, *Skate*, *Trekking*, *Corrida de Orientação* e *Trilhas Ecológicas* como ferramentas autorregulatórias, além de avaliar o potencial de aplicabilidade da UD nas aulas de Educação Física para esse segmento.

Essa pesquisa está de acordo com as resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, e foi iniciado após a obtenção do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética, sob o CAEE 74438023.9.0000.9047, conforme ANEXO A, e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II. É um estudo exploratório, com metodologia qualitativa, que teve como objetivo investigar a utilização das PCA como ferramentas autorregulatórias nas aulas de Educação Física para estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

3.1 Descrição das etapas da pesquisa

Para subsidiar a elaboração do produto educacional intitulado *As práticas corporais de aventura em uma unidade didática para as aulas de educação física escolar*, a pesquisa lançou mão de quatro etapas. Inicialmente, a fim de levantar fundamentos para a elaboração do *workshop* que seria a apresentação das oficinas propostas na UD, sendo este o ambiente promotor para a coleta dos dados da pesquisa; e termos indícios da aplicabilidade da proposta de PCA nas aulas de EFE, levantou-se as seguintes evidências para a geração de dados: A primeira trata da organização fundamentos que justifiquem o campo de estudo: (a) Análise documental das normativas nacionais e bibliografia que versem sobre esportes de aventura e sejam pertinentes para a presente pesquisa e (b) Revisão bibliográfica no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) . A segunda etapa foi a construção, com base nas fontes de evidência e repertório vivencial do pesquisador, de um compilado de estratégias teórico-práticas que sistematizem o trabalho com os PCA nas aulas de EFE na Educação Básica. A terceira etapa tratou da realização de *workshop* de 8 horas, oferecido presencial e gratuitamente à professores de EFE da Educação

Básica. Tal atividade de extensão tratou do referencial específico a respeito da vivência das PCA em contexto escolar. Na ocasião, o produto educacional foi apresentado e serviu para que os professores participantes avaliassem os conteúdos elencados na UD, e sua aplicabilidade em sala de aula. A quarta e última etapa, foi a análise das respostas dos cursistas e ajustes na UD com as propostas de oficinas, a partir das sugestões recebidas durante o *workshop*. Os dados gerados por meio do questionário aplicado foram analisados de forma qualitativa, com a análise temática.

3.2 Perfil dos participantes

O público-alvo deste estudo foi composto por professores das redes privada e pública de ensino que tinham interesse no trabalho com PCA e autorregulação da aprendizagem. Os participantes foram recrutados de forma aleatória, por meio de convites nas redes sociais e de divulgação do curso de extensão; ademais, foi realizado sob a chancela da Coordenação de Extensão do Colégio Pedro II.

Participaram do *workshop* doze professores de Educação Física graduados, além de dois convidados, graduandos do curso de Educação Física, ex-alunos do Colégio Pedro II, que auxiliaram na organização e na realização das oficinas. Para efeito da análise de dados, contabilizamos apenas dez cursistas respondentes, pois dois participantes do *workshop* não responderam ao questionário completo e, por esse motivo, tiveram excluídos os seus dados. Desses dez professores, sete são do sexo feminino e três do masculino, o perfil sociodemográfico dos cursistas demonstrou uma heterogeneidade, em termos de experiência, do grupo, sendo que em sua maioria, os participantes declararam ter mais de 10 anos de experiência em ministrar aulas na educação básica.

3.3 Materiais e Instrumentos de coleta de dados

- Questionário de avaliação sobre as atividades teórico-práticas propostas na UD e vivenciadas no *workshop* para professores (Apêndice A);
- TCLE – Termo de consentimento Livre e Esclarecido: os professores que participaram da pesquisa receberam um termo de consentimento livre e esclarecido, que foi assinado pelo cursista, ficando a cópia em posse do pesquisador. (Apêndice C);

- Materiais esportivos utilizados ao longo das atividades do *workshop*: *Skate, slackline, prancha de equilíbrio, corda, banco sueco, step box, plinto e colchonetes.*
- Câmera fotográfica;
- Computador e Projetor de imagens.

3.3.1 Estrutura do Questionário

O questionário (Apêndice A) conta com 39 questões e foi elaborado para a obtenção dos dados almejados. A organização seguiu com a seguinte estrutura: foi dividido em oito partes, iniciando com o TCLE, seguidos de uma avaliação inicial e posteriormente quatro partes relacionadas a cada oficina vivenciada com link direcionado. Para finalizar, outra avaliação, com uma página com questões relacionadas ao feedback final do curso.

Na primeira página do documento, encontra-se o texto inicial com as boas-vindas ao *workshop* e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Na segunda página, o cursista preenche o formulário com seus dados e responde a algumas perguntas de identificação, como nome, idade, e-mail, gênero, tipo de instituição em que atua como docente, cursos de graduação concluídos, tipo de instituição que cursou a graduação, ano de conclusão, tempo que atua como docente, além de responder se na graduação teve alguma disciplina relacionada ao tema, se já teve experiência pessoal com o tema, por qual motivo buscou participar do *workshop*, se já buscou alguma formação continuada sobre o tema e se desenvolve alguma PCA em sua prática pedagógica.

Na terceira parte do questionário encontra-se a opção de direcionamento de resposta para uma das quatro oficinas (*Slackline, Le Parkour, Skate, Trekking, Corrida de Orientação e Trilha Ecológica*). Após a realização da oficina, o cursista teve acesso ao link respectivo da modalidade para realizar a avaliação.

Na última seção do questionário, o quarto item apresenta a avaliação final do *workshop* e suas vivências, no qual os cursistas tiveram a oportunidade de avaliar as o conteúdo das oficinas e as estratégias utilizadas nas vivências.

Os dados coletados através dos questionários foram tratados com o auxílio do *software SurveyMonkey*; a partir dos quais será realizada a análise temática.

Na análise temática reflexiva (Braun; Clarke, 2006, 2019), o objetivo é construir padrões de sentido comum em meio aos dados de pesquisa disponíveis. Há um processo de

codificação da análise temática até chegar aos temas definidos pelo pesquisador, com base nas seguintes etapas:

- a) Familiarização com os dados;
- b) Geração de códigos iniciais;
- c) Busca por temas;
- d) Revisão dos temas;
- e) Definição e nomeação dos temas;
- f) Produção do relatório.

Braun e Clarke (2023) defendem que os temas não emergem passivamente dos dados, mas sim como um diálogo interativo entre pesquisador, teoria e dados. Nessa análise, pressupõe-se o engajamento do pesquisador na construção e descrição teórica dos temas desenvolvidos na pesquisa. A subjetividade (implicação profunda) dos autores é considerada como elemento importante nesse tipo de análise, pois se entende que não é possível acessar os verdadeiros sentidos transmitidos pelos participantes de forma neutra. Além disso, na análise temática reflexiva é fundamental indicar o paradigma teórico que norteou o exame (Braun; Clarke, 2023).

3.4 *Workshop*: Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física

Visando contemplar a temática e os objetivos propostos, a escolha pela organização de um *workshop* para professores, como estratégia metodológica fez-se pertinente. A atividade foi prevista e registrada junto da Coordenação de Extensão do Colégio Pedro II, e oferecido na modalidade presencial no dia 14 de setembro de 2024, com a duração total de oito horas de duração. As inscrições ocorreram na modalidade online e aberta a comunidade geral, considerando o critério de inscrição a docência na educação básica, ministrando aulas de EFE. A divulgação das inscrições aconteceu no site oficial da instituição durante dez dias corridos – entre 1 e 11 de setembro de 2024. A realização desta atividade de extensão ocorreu no *campus* Tijuca II, situado na rua São Francisco Xavier, nº 200, Tijuca, Rio de Janeiro/RJ.

Inicialmente foram oferecidas trinta vagas, entretanto, houve trinta e cinco inscrições. Dessa forma, optou-se por aceitar todas as inscrições, totalizando 35 participantes

interessados. Finalizado o período de inscrição, todos os professores receberam um *e-mail* contendo o folder com as informações e os objetivos do *workshop*, além do link para acesso a um grupo de *WhatsApp* que foi o canal escolhido para viabilizar a troca de informações. Foram enviados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, o questionário elaborado no *software SurveyMonkey* e o material de apoio do curso para leitura prévia e no dia do *workshop*, todas as dúvidas esclarecidas e assinaturas dos termos feitas.

A estrutura teórico-prática escolhida para o formato deste *workshop* visa proporcionar aos cursistas a experimentação e a vivência das atividades, além de estimular a troca das experiências acumuladas. Já no que se refere a organização do curso, optou-se pelo oferecimento de oficinas na tentativa de oferecer aos cursistas o maior número de atividades possível no tempo disponível.

Na etapa de planejamento, para a realização do *workshop* “PCA nas aulas de Educação Física”, seguimos os seguintes passos:

- Estruturação e organização do *workshop*;
- Escolha do local e horário do curso de extensão;
- Tempo de realização do curso de extensão;
- Critério de inclusão e quantidade dos participantes;
- Modalidades escolhidas para apresentação no curso de extensão;
- Avaliação do curso de extensão.

As modalidades selecionadas (*Slackline*, *Le Parkour*, *Skate*, *Trekking*, *Corrida de orientação* e *Trilha Ecológica*) contam com material disponível no local de realização das atividades, uma vez que este é o local de trabalho do pesquisador.

Nas semanas que antecederam o evento, o cronograma das oficinas teórico-práticas foi elaborado, buscando trazer a vivência pedagógica e o formato em que poderão ser realizadas as aulas regulares de Educação Física.

O *workshop* teve como objetivo a apresentação dos conteúdos relativos as PCA, além de dialogar com as estratégias de autorregulação dos estudantes nas aulas de Educação Física. Dessa forma, o planejamento das oficinas visou atender uma demanda teórico e prática sobre a temática. Assim, foram oferecidas seis oficinas: *Slackline*, *Le Parkour*, *Skate*, *Trekking*, *Corrida de Orientação* e *Trilha Ecológica*.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o *workshop* contou com três momentos, descritos a seguir:

1º momento: Diagnóstica. Aplicação do questionário (Apêndice A) para identificar conhecimentos, vivências e utilização ou não das PCA pelos professores de Educação Física.

2º momento: Realização das oficinas e avaliação a cada finalização de tópico.

3º momento: Avaliação do curso. Aplicação do questionário direcionado a compartilhamento de experiências e opiniões a respeito da formação oferecida.

Após levantamento das possibilidades frente ao tempo disponível para a realização das atividades e a complexidade dos conteúdos a serem apresentados, o *workshop* sobre Práticas Corporais de Aventura foi pensado inicialmente da seguinte maneira:

- Os conteúdos apresentados aos cursistas foram escolhidos a partir da vivência do pesquisador e sua aproximação com as PCA propostas.
- O formato de oficina teórico-prática foi o escolhido em um primeiro momento. A necessidade de valorizar a troca de experiências com os cursistas foi condição quase obrigatória para a realização do *workshop*. Além disso, a apresentação do conteúdo PCA como ferramenta autorregulatória poderia ser facilitada nesse formato.
- Realização da roda de conversa e da escuta dos cursistas sobre seus maiores medos, receios, surpresas e superação em cada tarefa realizada na oficina.

Inicialmente as atividades foram organizadas em um curso de 20 horas com o formato híbrido, sendo dois encontros presenciais e dois encontros remotos via plataforma *moodle*. Porém, com o passar do tempo e com um período de greve em concomitância, que perdurou por três meses, não foi possível a realização nesse formato. A proposta de condensar os conteúdos em um curso de 8 horas ganhou força e o formato para a realização ficou mais evidenciado. A realização de oficinas temáticas teórico-práticas ficou definida e o nome para a divulgação foi alterado. Por conta dessa mudança, se renomeou a atividade para *workshop* “PCA nas aulas de Educação Física”.

A organização final do *workshop* seguiu a seguinte estrutura:

Tabela 1 – Organização das atividades do workshop “Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física”

8h00	Coffee Break Chegada dos participantes inscritos
9h00	Apresentação das atividades do dia
9h40	Leitura e assinatura TCLE
9h45	Preenchimento do questionário inicial
10h00	Oficina 1 - Slackline Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
11h30	Intervalo para almoço
12h30	Oficina 2 – Le Parkour Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
13h30	Oficina 3 - Skate Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
14h30	Oficina 4 - Trekking Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
15h30	Oficina 5 – Corrida de orientação Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
16h30	Oficina 6 – Trilha Ecológica Questionário: Avaliação do conteúdo ministrado e estratégias utilizadas (15min)
17h30	Finalização das atividades Questionário de avaliação do curso.

Fonte: O Autor, 2024.

Foram apresentadas as ações que levaram à organização e realização da atividade de extensão oferecida e disponibilizada pelo Colégio Pedro II, além dos objetivos do *workshop* e sua função dentro da realidade do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CPII).

Após a apresentação, foi aplicado um questionário (Apêndice A) para o grupo de professores cursistas. O questionário foi realizado pela plataforma *SurveyMonkey* e teve como objetivo conhecer o público-alvo e identificar conhecimentos, vivências e utilização ou não das PCA pelos professores de Educação Física em seu cotidiano.

A partir disso, iniciou-se a realização das oficinas planejadas para o evento. Nelas, foram o conhecimento histórico no decorrer do tempo e como sua prática na realidade escolar poderia contribuir para uma aprendizagem autorregulada dos estudantes.

Finalizou-se a terceira etapa com a aplicação do questionário direcionado à avaliação final do curso. Nele, os cursistas responderam a duas questões sobre opinião do curso e as implicações para sua prática. Os dados obtidos foram analisados para orientar os conteúdos abordados no *workshop*.

Após uma reorganização do questionário, ficou decidido que seria aplicado em etapas. A cada término de oficina ministrada, as perguntas referentes à atividade realizada eram respondidas. Com essa dinâmica acredita-se que as respostas sobre as percepções dos cursistas seriam mais próximas da vivência experimentada.

Ao final das atividades de extensão realizadas no *workshop*, foi aplicado novamente o questionário com o objetivo de avaliar o conteúdo, a metodologia de ensino e o material didático.

A seguir serão descritas a organização e desenvolvimento das estratégias utilizadas em cada oficina.

3.4.1 Oficina de *Slackline*

A *Slackline* (ou corda bamba, como também é conhecida) foi a primeira oficina apresentada. Foi iniciada com uma progressão pedagógica da modalidade até chegar à ancoragem e atividades sobre a fita.

Iniciou-se pelas atividades com menor nível de exigência e; somente depois prosseguiu-se para as de maior complexidade. Foram utilizadas as linhas da quadra poliesportiva, parte dos degraus da arquibancada, cordas e o banco sueco para demonstrar como essas práticas são iniciadas no cotidiano das aulas.

Após essa introdução, os cursistas tiveram o primeiro contato com o equipamento de montagem do *slackline*. Inicialmente, foi demonstrado como se realiza a ancoragem do equipamento em dois pontos de fixação (ex.: árvores, colunas, pilastras ou estruturas fixas).

Vale ressaltar que foi enfatizado com os cursistas a responsabilidade de uma avaliação segura para que não ocorram acidentes.

O local onde foi realizado o *workshop* não tinha estruturas de fixação capazes de suportar as tensões. Por esse motivo, foram instalados equipamentos que viabilizassem a montagem desse material de maneira segura para a realização das aulas regulares de EFE.

Por conta da fixação do material nesse equipamento, foi necessário inicialmente ter uma troca de conhecimentos técnico e pedagógico que se tornou a tônica do *workshop* ao longo do dia. Por se tratar de uma técnica específica de segurança da escalada esportiva, surgiu o debate de como realizar essa montagem da forma mais segura. A presença de dois cursistas escaladores contribuiu significativamente para essa mediação inicial.

Realizada a montagem das ancoragens, da fita e da catraca, partiu-se para a abordagem do conteúdo *slackline*. O grupo cursistas foi dividido em cinco grupos de três para a realização da atividade prática. A tarefa ocorreu com duas pessoas do trio realizando a segurança da terceira, que realizava a caminhada pela fita.

A partir dessa dinâmica, as atividades foram diversificadas com o *slackline* até chegarmos à divisão da turma em três grupos, que tinham como objetivo sugerir práticas diferentes das realizadas. Ao fim, foi aplicado o questionário (Apêndice A) e uma roda de conversa foi realizada com o objetivo de trocar impressões, experiências, vivências e sugestões sobre a oficina.

Após essa etapa, houve a sugestão de reorganizar as atividades e iniciar as atividades com roda de conversa. Esse novo formato foi incorporado em todas as oficinas na sequência.

3.4.2 Oficina de *Le Parkour*

Após o intervalo para o almoço, as vivências foram retomadas com a segunda oficina, a da modalidade *Le Parkour*. Mais uma vez foi realizada uma progressão pedagógica, experimentação dos materiais, atividades específicas da modalidade e a roda de conversa. Houve a apresentação do material necessário (colchões, *steps*, plataforma de arbitragem, arquibancada e plinto) e as estratégias de práticas corporais. Em cada equipamento disponibilizado, os cursistas puderam realizar as atividades e sugeriram maneiras diferentes das vivenciadas. Ao final da apresentação, a mesma dinâmica da oficina anterior foi assumida e a turma foi dividida em três grupos para a realização de atividades diferentes das experimentadas anteriormente, e uma nova roda de conversa foi realizada.

Com a divisão da turma em grupos, houve a possibilidade de vivenciar experiências diferentes das propostas inicialmente. Os grupos pareceram estar mais à vontade em realizar sugestões e propostas mais complexas, o que fez diferença na realização das atividades. A proximidade entre as pessoas contribuiu para as questões relacionadas à prática das atividades sugeridas e para as alterações realizadas para adaptar a condição de cada participante.

3.4.3 Oficina de *Skate*

A terceira oficina foi a modalidade *Skate*. As estratégias foram as mesmas das oficinas anteriores. Após essa experimentação, foram propostas algumas atividades com os equipamentos, novas sugestões e reorganizações do material por parte dos cursistas. Para surpresa dos participantes, foi proposto uma atividade realizada com os estudantes, uma descida na rampa de acesso à quadra com dois tipos de skates diferentes onde eles poderiam experimentar de variadas formas e realizamos a roda de conversa. Cada quinteto ficou com determinado tipo de material para experimentação e investigação sobre as possibilidades de prática pedagógica.

Após a experimentação de todos os materiais disponibilizados (disco de equilíbrio, plataforma de equilíbrio, simulador de *skate* e *skates*), os participantes foram instigados com um desafio: descer a rampa de acesso ao ginásio onde foi realizado o *workshop*.

3.4.4 Oficinas de *Trekking* e Corrida de Orientação

A reta final de nosso *workshop* contou com a modalidade *Trekking*, Corrida de Orientação e Trilha Ecológica tiveram a organização invertida: iniciamos com a roda de conversa e fomos para a parte prática na sequência. Foi necessário o agrupamento das oficinas e alteração da organização devido ao tempo restante para finalização das atividades.

Nessa roda, houve uma pequena introdução de como essas modalidades surgiram como conteúdo nas aulas. Surgiram algumas perguntas sobre as modalidades e sobre as escolhas para o planejamento.

As atividades *Trekking* e Corrida de Orientação foram exploradas no espaço de área construída do *campus* que o curso foi realizado; parte dessa construção tem rampas de acesso, escadas e bons pontos de referência para serem explorados. No percurso, foram apresentadas essas referências e explanado como realizar a construção dos mapas de navegação.

Ainda durante o trajeto, foi explicado como as Trilha Ecológica podem ser realizadas com turmas de estudantes da educação básica, a parte de organização do transporte, a abordagem com os estudantes e meios de viabilizar a atividade de campo, além da abordagem a ser realizada na trilha.

4 PRODUTO EDUCACIONAL: AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O produto educacional (PE) é requisito e parte integrante da dissertação quando se refere ao Mestrado Profissional, possuindo relação direta com a pesquisa. Apresenta-se como um resultado concreto diante de um desafio apresentado, desenvolvido com base em trabalho de pesquisa científica, aplicabilidade e visa disponibilizar contribuições para a prática profissional de docentes, de modo que o repliquem em seu fazer pedagógico.

Nesse contexto, o Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (CPII, 2021) objetiva contribuir com a construção de conhecimentos pedagógicos e saberes disciplinares, de modo a produzir evidências em sala de aula dos diversos sistemas escolares. Esta modalidade de pesquisa destina-se à formação de professores para o exercício da atividade docente, promovendo o “desenvolvimento de competências e habilidades em suas áreas de conhecimento e contribuindo para a promoção de alternativas práticas às demandas do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, em diferentes níveis e modalidades da Educação Básica.”

A Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009 (CPII, 2019) dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes e assegura que o produto educacional é um objeto de aprendizagem que pode assumir formatos variados, como por exemplo: material didático, atividades de extensão, guia de atividades, sequência didática, software, jogo educativo, produções artísticas, etc., conforme a natureza da área e a finalidade do curso.

O produto educacional fruto desta pesquisa trata-se de uma Unidade Didática que versa sobre as Práticas Corporais de Aventura como proposta curricular na educação básica.

Cabe mencionar que tais aspirações partem da construção coletiva do projeto político pedagógico institucional (PPPI) do Colégio Pedro II, no que se refere a proposta pedagógica da disciplina Educação Física (COLEGIO PEDRO II, 2018), além das vivências do pesquisador enquanto docente da educação básica.

4.1 Estratégias de entrada em campo

Este material é fruto da vivência e reflexão deste pesquisador frente a sua realidade e experiências. A escolha pela temática e preferência pelas modalidades contidas no material refletem uma árdua e satisfatória trajetória de estudos, pesquisa e atuação profissional neste

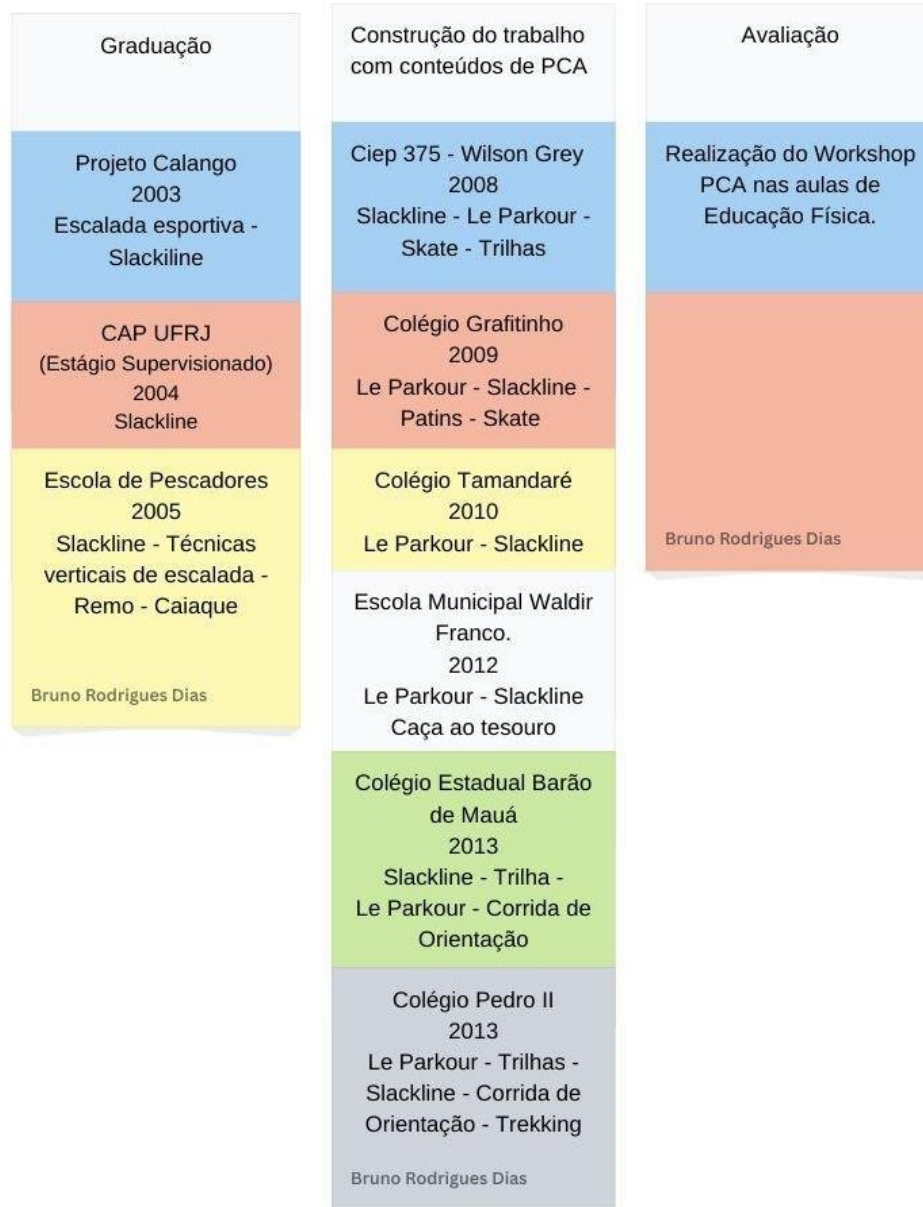
tema, os quais puderam resultar na construção da Unidade Didática apresentada neste produto educacional.

A experiência docente nos últimos dezoito anos foi de fundamental importância para estruturar a organização de todo o processo de construção deste produto. O tema desenvolvido na pesquisa é experimentado desde o início da graduação até os dias atuais. Portanto, a busca por esse embasamento possibilitou o contato com textos acadêmicos nas áreas de esportes radicais, meio ambiente, saúde e lazer.

Ao longo dos anos, foi possível experimentar situações positivas e desafiadoras, que contribuíram para o entendimento do trabalho realizado com as PCA atualmente. Por meio do conceito de reflexividade (Domingo, 2016), no qual pesquisador e professor convergem para a mesma pessoa devido à vivência e à experiência envolvidas na pesquisa e na posição de professor pesquisador “engajado” (André, 2016), que concebe o professor como produtor de conhecimentos e como profissional que reflete sobre sua prática, realizando mudanças em suas ações com base em suas reflexões, busquei fundamentar e explicar a organização que culminou na realização do *workshop* PCA nas aulas de Educação Física.

A revisitação às experiências pessoais foi de suma importância e justificam este trabalho. Foi em 2003 que se deu início a aproximação com a temática dos esportes de aventura e práticas corporais, e este interesse tem se sido objeto de estudo até os dias atuais, como é possível observar na figura a seguir:

Figura 1 – Etapas da construção até a avaliação



Fonte: O Autor, 2024.

Como demonstra a figura 1, a revisitação à temática perpassa por todas as instituições de ensino e atuação direta com os alunos. Em algumas dessas instituições, tive sucesso na tentativa de aplicar esses conteúdos, alguns obstáculos foram encontrados. Os principais desafios concernem na dificuldade de aceitação da gestão, entretanto, as experiências foram importantes para o acúmulo de vivências, pois geraram uma maior capacidade de planejamento e organização pedagógica com os conteúdos de PCA.

As respostas positivas encontradas no cotidiano escolar com as turmas foram combustível para ter coragem, experiência, fundamentação e, sobretudo, o apoio dos colegas de profissão para a sistematização desses conteúdos nas instituições.

Nóvoa (2022, p. 42) afirma que “a educação não serve para nos fecharmos no que ‘já somos’, serve para aprendermos a começar o que ‘ainda não somos’”. Nesse sentido, a construção de um entendimento coletivo foi se consolidando e gerando os frutos deste trabalho.

A partir desse momento, a compreensão, o entendimento e os projetos de vida iniciados passaram a ter o objetivo de tornar as aulas de Educação Física Escolar com novas perspectivas. A construção do significado da Educação Física ganhou novos rumos, foi o início da ampliação dos conceitos que podem ser expressos na seguinte fala:

[...] o entendimento de que a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (González; Fensterseifer, 2010).

Junto disso, as vozes discentes foram essenciais para me encorajar, incentivar e procurar fundamentar ainda mais a minha prática docente. A cada resposta positiva advinda dos estudantes, recebia o apoio e a energia necessária para enfrentar as adversidades iniciais e me dedicar ao mais importante, que é a oportunidade de experiências da cultura corporal para os estudantes.

Proporcionar aos alunos experiências corporais diversificadas e com um certo grau de risco foi o catalisador dessa reação. Os conteúdos de PCA proporcionam uma gama de reflexões ampla e diversificada (França *et al.*, 2023). Esses conteúdos contribuem de tal maneira que os participantes podem confrontar os sentimentos vivenciados pela realização dessas atividades (França *et al.*, 2023), podem questionar assuntos atrelados ao acesso de locais e equipamentos para sua prática, podem participar de maneira ativa em movimentos coletivos que busquem melhorias para os bairros onde residem, adquirir e ampliar conceitos de preservação do meio ambiente, utilizar dessas práticas como fonte de lazer e atividade física e no caso dos professores em específico, utilizar desses conteúdos como componente curricular.

Essa contextualização da experiência pessoal do pesquisador se fez importante na medida em que seu resultado proporcionou a escolha do formato e a organização do *workshop* oferecido aos professores com o objetivo de avaliar a aplicabilidade das propostas desta unidade didática.

Para finalizar esta seção, a elaboração desse PE foi construída ao longo dos anos de prática pedagógica e não está finalizada, o *workshop* realizado para essa pesquisa comprova essa fala. Por mais que tenhamos uma Unidade Didática construída, apresentada e modificada entre pares, a sua transformação vai ser continuada pois somos suscetíveis a mudanças externas e internas, sofremos e interferimos no ambiente onde convivemos e produzimos respostas de acordo com as condições vivenciadas no momento.

4.2 Apresentações do Produto Educacional

O PE fruto desta pesquisa foi sistematizado, aplicado e avaliado, junto à professores participantes *workshop*, a partir da troca de experiências pedagógicas via práticas corporais de aventura, proporcionando um acumulado de práticas cotidianas propositivas possam favorecer uma maior utilização do conteúdo sobre práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física e sua relação com a autorregulação da aprendizagem para os estudantes.

A partir da realização do *workshop* “PCA nas aulas de Educação Física”, do diálogo com os professores cursistas e da obtenção de informações sobre os conteúdos relacionados ao tema e a troca de experiências pedagógicas proporcionadas durante a realização das oficinas, foi possível organizar o PE de maneira didática.

O PE é considerado um material didático instrucional, composto por uma Unidade Didática com oficinas que exploram as PCA como estratégia pedagógica nas aulas de EFE na Educação Básica.

A organização dos conteúdos propostos segue a seguinte estrutura: A primeira parte do material traz informações importantes sobre os riscos e precauções que práticas corporais de aventura demandam e os cuidados que são necessários em cada modalidade apresentada. Foram escolhidas seis modalidades esportivas para compor o material, sendo elas: *Slackline*, *skate*, *le parkour*, *trekking*, corrida de orientação e trilhas ecológicas. Após essa etapa, são apresentados os conteúdos referentes a cada modalidade, em formato de oficina. O planejamento da oficina segue a seguinte organização:

Tabela 2 – Estrutura das oficinas

SLACKLINE	O que é Slackline?
	Breve histórico da modalidade
	Tipo de práticas e equipamentos
	Montagem
	Características
	Espaço físico
	Normas de segurança e orientações sobre auto segurança
	Sugestão de plano de aula – para o professor
	Propostas de experimentação – para o aluno

Fonte: O Autor, 2024.

A Unidade didática é composta por seis oficinas como possibilidade de trabalho nas aulas de EFE para estudantes da Educação Básica, sendo as modalidades esportivas já mencionadas anteriormente. Na tabela acima foi exemplificada a estrutura das oficinas utilizando o Slackline como exemplo, sendo que todas as demais seguiram o mesmo padrão de organização didática.

O material é finalizado com as notas finais, onde o autor agradece a oportunidade de sistematizar esse conteúdo e reconhece que o fazer pedagógico é constante e inacabado, sendo essa unidade didática a possibilidade de um trabalho com as PCS de maneira sistematizada e possível de ampliação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

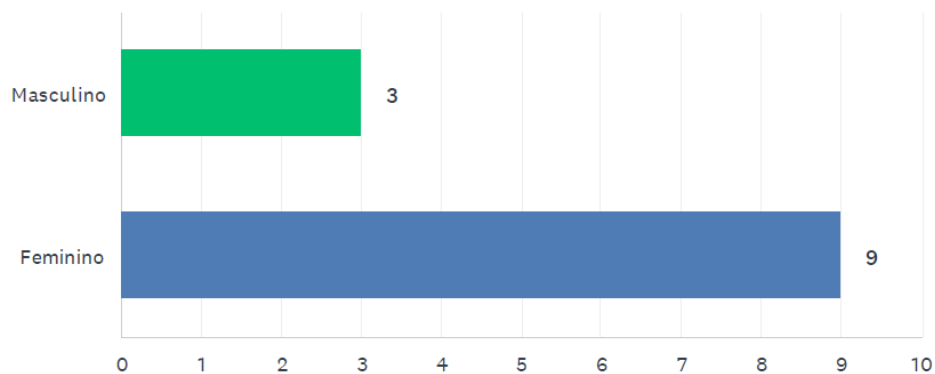
Os resultados descritos neste estudo são oriundos dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário durante a realização do *Workshop* – Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física realizados, realizado no dia 14 de setembro de 2024, no campus Tijuca II, do Colégio Pedro II e idealizado pelo pesquisador como estratégia para apresentação e validação por pares das propostas de oficinas que compõem a unidade didática, fruto desta pesquisa.

5.1 Caracterização dos participantes

Embora tenhamos recebido o total de 35 inscrições, estiveram presentes na realização do workshop 12 professores, dos quais 10 responderam à totalidade de questões do questionário, sendo estes considerados participantes deste estudo.

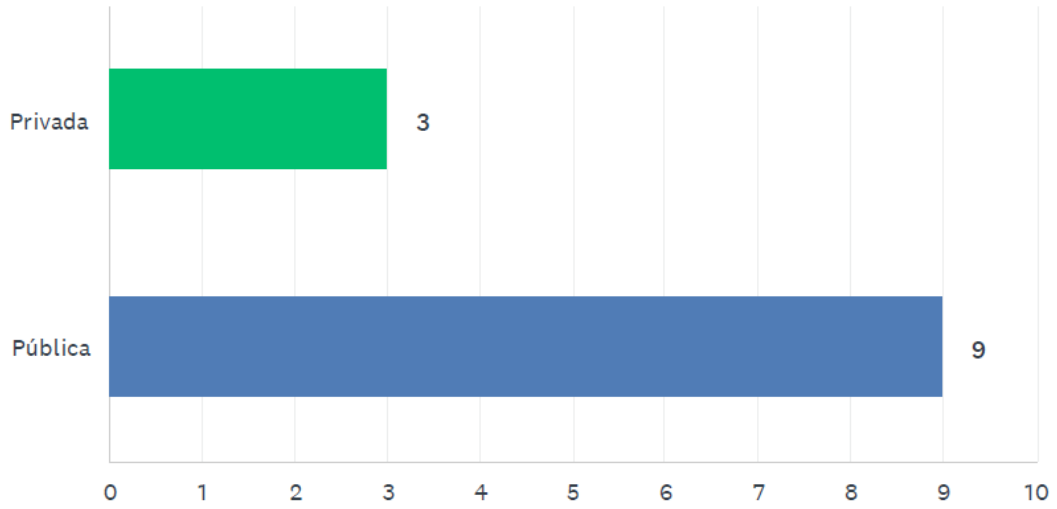
Desta forma, para efeito da análise de dados, foram contabilizadas as respostas dos dez cursistas respondentes. Deste total, sete são do sexo feminino e três do masculino, sendo então verificada a maior interesse em participação entre as mulheres.

Gráfico 1 – Gênero dos participantes



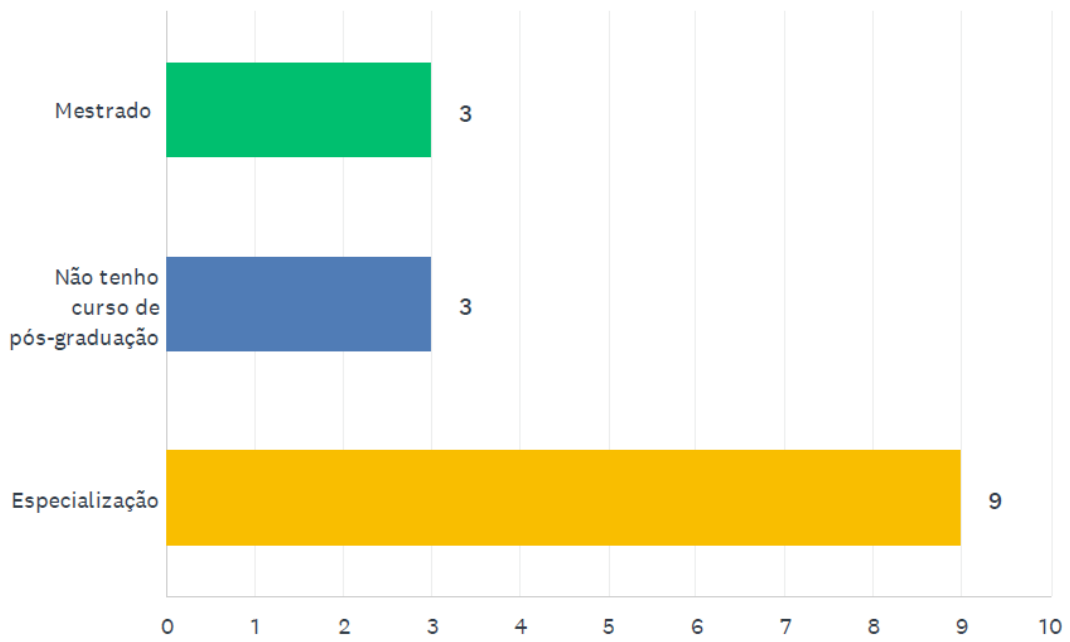
Fonte: O Autor, 2024.

Gráfico 2 – Formação Inicial dos participantes



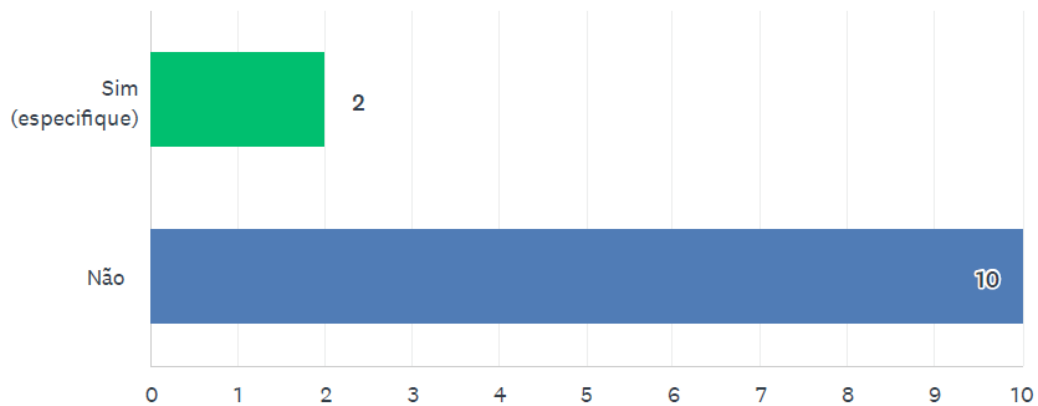
Fonte: O Autor, 2024.

Gráfico 3 – Formação Continuada dos participantes



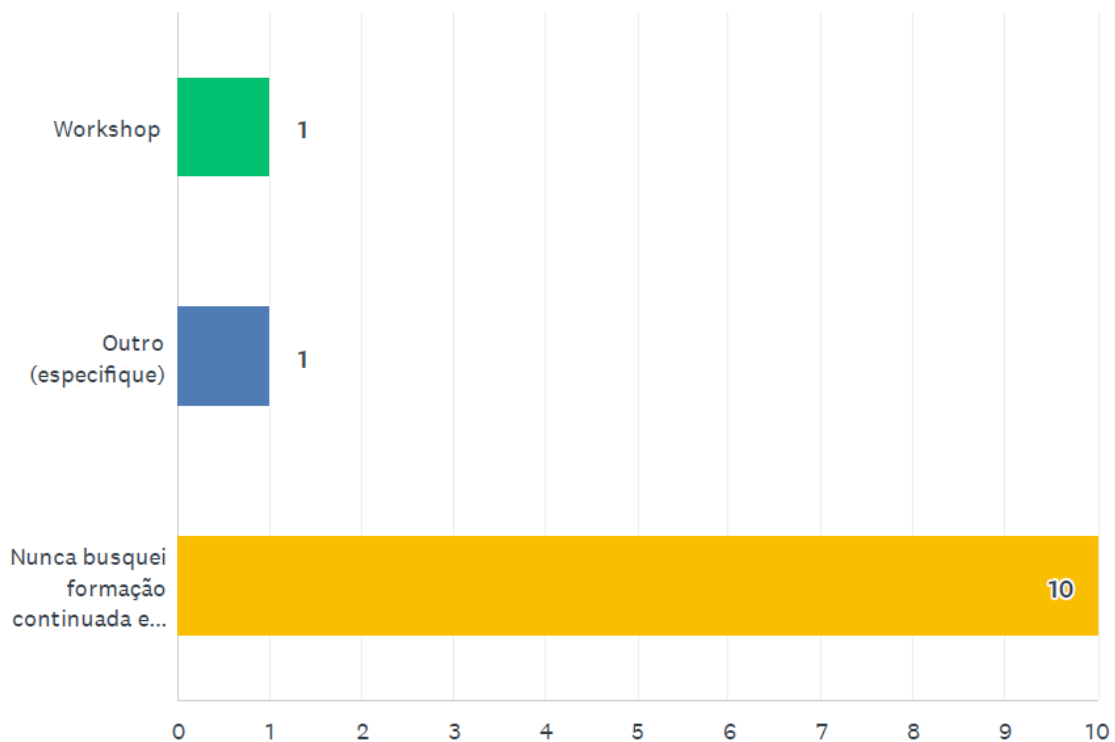
Fonte: O Autor, 2024.

Gráfico 4 – Participação em disciplinas que abordavam as Práticas Corporais de Aventura ao longo da graduação



Fonte: O Autor, 2024.

Gráfico 5 – Busca por formação relacionada à Esportes de Aventura



Fonte: O Autor, 2024.

A partir dos dados obtidos por meio do formulário *SurveyMonkey*, podemos evidenciar que, no que se refere à formação acadêmica dos cursistas, 70% dos respondentes tiveram formação inicial em universidade pública; 41,6% cursaram mais de uma graduação; 25% não possuem especialização, 25% têm título de mestrado e 50% possuem especialização.

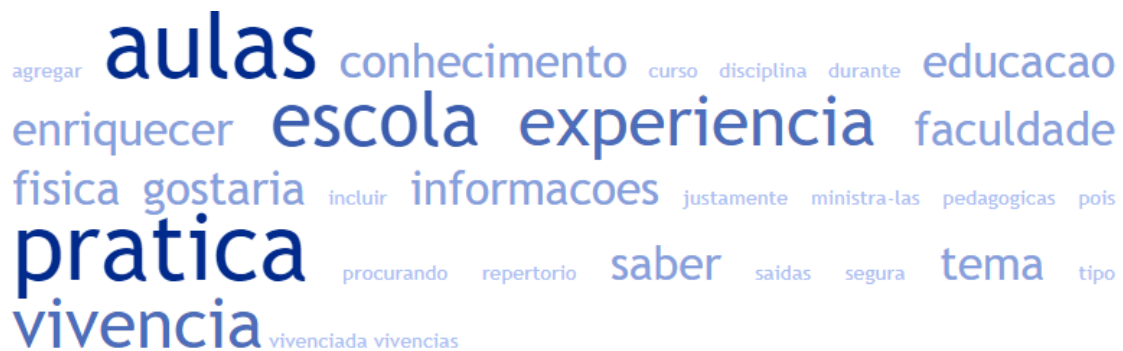
Em relação à formação em disciplinas obtida na graduação sobre Práticas Corporais de Aventura, 83,33% relataram que tiveram acesso a esse tipo de conteúdo, enquanto 16,67%

cursaram alguma disciplina relacionada a tal. Em uma análise comparativa por tempo de atuação docente, apenas dois cursistas (entre seis e dez anos de atuação) tiveram alguma vivência com o seguinte conteúdo de PCA: Corrida de Orientação (eletiva).

Realizamos também uma análise comparada dos dados por tempo de atuação docente. Nesse caso, a relação estabelecida foi a seguinte: a questão número doze versa sobre o tempo de atuação e a questão treze sobre se os cursistas tiveram na graduação disciplinas sobre o conteúdo de PCA. Nessa relação, os cursistas que atuam entre um e cinco anos e os que atuam há mais de seis anos responderam que não tiveram disciplinas na graduação relacionadas ao conteúdo. Nas respostas dos que atuam entre seis e dez anos (total de quatro respondentes), 50% tiveram alguma disciplina relacionada ao tema PCA.

Ao analisar a pergunta quinze, que versa sobre a busca dos cursistas para se inscreverem no *Workshop* PCA, os motivos relatados foram variados e podem ser resumidos na nuvem de palavras descrita na figura 2 reproduzida a seguir.

Figura 2 – Nuvem de palavras sobre as motivações para participação no workshop



Fonte: O Autor, 2024.

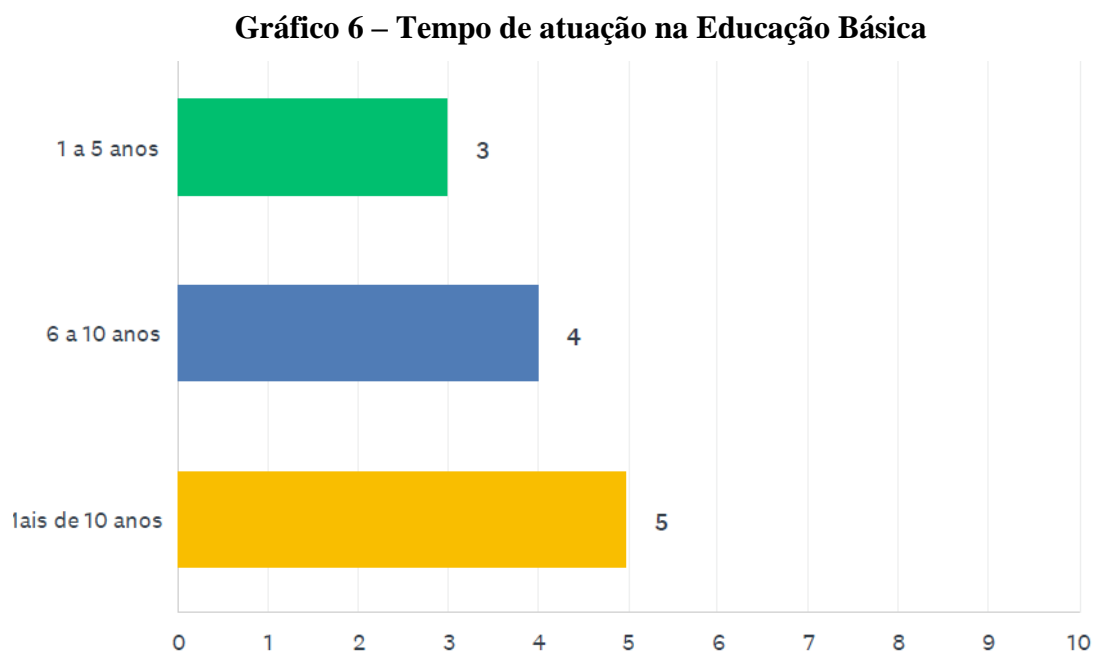
Pela nuvem de palavras, destacam-se os vocábulos “aulas”, “prática”, “escola”, “experiência”, “vivência”. De maneira geral, mesmo com uma análise que compare o tempo de atuação docente e vivências anteriores com as PCA, as falas são direcionadas ao aumento das experiências práticas para ampliação do repertório de atividades disponibilizadas para os estudantes em suas aulas regulares de Educação Física. Destacam-se as seguintes falas:

Obter mais informações sobre as temáticas. Como não tive essa experiência e vivência durante a graduação, queria saber mais sobre e saber mais métodos e informações de como ministrá-las nas aulas. Na escola em que trabalho, já dei aula de Slackline e Parkour, mesmo sem ter tido essa vivência nem disciplina sobre na faculdade, apenas procurando na Internet. (Cursista KMA, um a cinco anos de atuação, 2024).

Queria ampliar meu olhar para esse tipo de prática, pois não tive muita vivência na faculdade ou depois. De alguma forma, gostaria de introduzir esse conhecimento em minhas aulas. Uma citação de cursista de “médio tempo de experiência. (Cursista ISC, seis a dez anos de atuação, 2024).

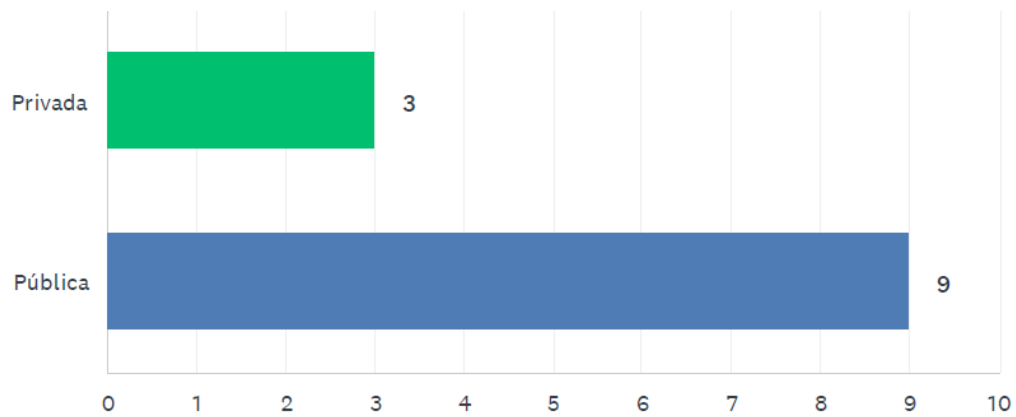
Conhecer um pouco a prática, já que não tive nenhuma experiência na universidade, e gostaria de incluir a prática nas minhas aulas (Cursista NGS, mais de dez anos de atuação).

Quando perguntados sobre a busca por formação continuada sobre PCA na pergunta dezesseis, apenas dois cursistas dos doze relataram ter buscado algum tipo de formação continuada. Os dois cursistas estão no grupo entre um e cinco anos de atuação e procuraram “aulas na internet” (Cursista KMA, 2024) e “*Workshop*” (Cursista IVB, 2024) segundo suas respostas. Todos os outros cursistas relataram nunca terem buscado formação. As respostas obtidas nas perguntas e relacionadas entre elas podem sugerir uma pequena oferta de formação inicial nas graduações e cursos de formação continuada.



Fonte: O Autor, 2024.

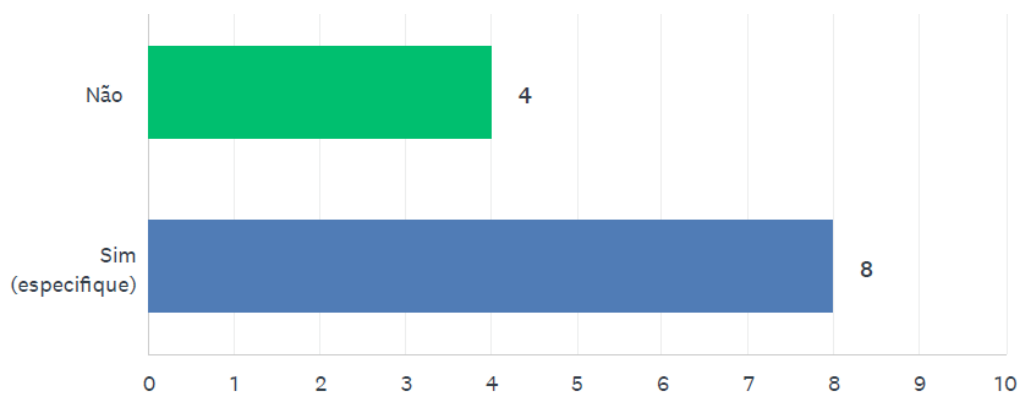
Gráfico 7 – Rede de ensino de atuação dos participantes



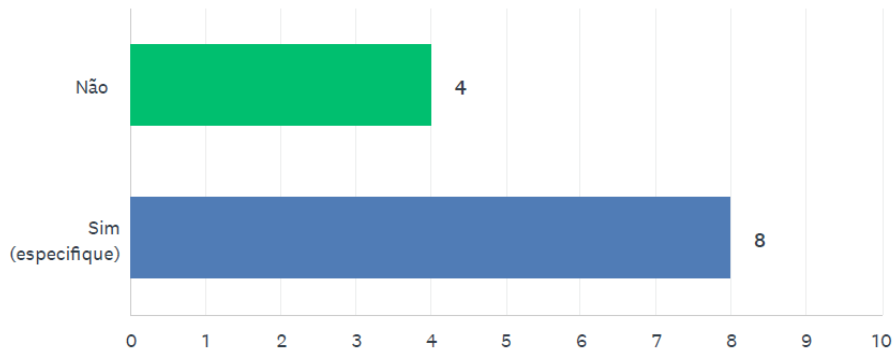
Fonte: O Autor, 2024.

Quanto ao tempo de atuação como docente de Educação Física, 41,7% estão há mais de dez anos no magistério, 33,3% atuam entre seis e dez anos e 25% encontram-se na faixa entre um e cinco anos de atuação, sendo que 75% dos cursistas trabalham em instituições públicas de ensino. 91% desses docentes nunca buscaram auxílio em cursos de formação continuada e 9% realizaram *workshop* e cursos na internet.

Gráfico 8 – Vivência pessoal em Práticas Corporais de Aventura



Fonte: O Autor, 2024.

Gráfico 9 – Utilização de PCA nas aulas de EFE

Fonte: O Autor, 2024.

Quando a pergunta 14, direcionada às vivências pessoais ao longo da vida, 33% relataram não ter tido experiências relacionadas aos esportes de aventura até o momento. No que se refere a utilização das PCA no planejamento das aulas, 66,7% dos cursistas afirmaram relacionaram o trabalho ao conteúdo, enquanto 33,3% informaram não trabalhar com ele no cotidiano das aulas. Ao comparar as experiências vivenciadas no campo pessoal por atuação docente, apenas quatro dos cursistas (com mais de dez anos de atuação) não tiveram contato com PCA ao longo da vida, os demais tiveram experiências pessoais com os seguintes conteúdos de PCA: escalada; *slackline*, trilhas ecológicas, corrida de orientação, asa delta, carrinho de rolimã, natação em águas abertas e rapel.

A diferença de tempo que os cursistas se formaram na graduação pode demonstrar uma lacuna de conhecimentos sobre PCA na formação inicial. Segundo Freitas (2016), um dos obstáculos enfrentados para a implementação do conteúdo de PCA é a possível deficiência no processo de formação inicial na graduação. Conforme evidências de pesquisa anterior sobre produção de material didático para ensinar estratégias de autorregulação para atividade física e saúde (Gouvêa, 2017), os cursos de extensão oferecidos no Colégio Pedro II são boas oportunidades de formação continuada para professores da rede, além de estimular a ação dialógica e reflexiva entre docentes experientes e iniciantes.

Capaverde, Medeiros e Alves (2012) explicitam que o desconhecimento dos próprios professores em relação a uma possível inserção dessas práticas no contexto educacional é um dos fatores que inviabilizam e dificultam muito o processo para conseguir oportunizar aos alunos a vivência e o aprendizado do conteúdo aventura, o que é oriundo em boa parte da falta de formação inicial e continuada. Por esse motivo e pela urgência do conteúdo relacionado a PCA nas aulas de Educação Física, acreditamos ser importante o oferecimento de cursos de

extensão com objetivo de ampliar a formação continuada dos professores que atuam na Educação Básica.

Outra questão interessante foi a relacionada às questões 14 e 17, nas quais as perguntas questionaram se os cursistas tiveram alguma experiência pessoal com conteúdo de PCA e se trabalhavam com esse conteúdo em suas aulas de EFE. Ao analisar esses dados, tivemos oito dos doze cursistas respondendo que tiveram algum tipo de experiência pessoal com o conteúdo, enquanto outros quatro responderam que nunca tiveram. Os cursistas que nunca tiveram experiência pessoal com alguma modalidade de PCA estão todos com mais de dez anos de atuação.

Além disso, outra informação interessante está relacionada ao trabalho pedagógico dos cursistas com PCA em suas aulas. Novamente, tivemos a resposta de oito cursistas que trabalham com o conteúdo e outros quatro que não. Nesses dados, todos os cursistas que atuam entre um e cinco anos trabalham com PCA; já dos que têm entre seis e dez anos (quatro respondentes), três responderam que trabalham com o conteúdo e apenas 1 diz não trabalhar. Dos cursistas com mais de dez anos de atuação, cinco respondentes, três disseram que não ministram esse tipo de conteúdo e outros dois relataram trabalhar.

Na pergunta dezessete, outro fator interessante foi sobre o trabalho com os conteúdos de PCA pelos cursistas com suas turmas regulares. Encontramos os seguintes dados. Todos os cursistas entre um e cinco anos de atuação (três) relataram que desenvolvem os seguintes conteúdos: escalada, skate e corrida de orientação. Dos cursistas com entre seis e dez anos de atuação, quatro respondentes, três trabalham com PCA em suas práticas pedagógicas, a saber: tirolesa adaptada; simulação de subida de montanha; *Le Parkour*; trilha; escalada; rapel, e *slackline*. Em relação aos cursistas com mais de dez anos de atuação, as práticas desenvolvidas por dois dos cinco respondentes foram: patins; *Le Parkour*; *slackline*; skate; corrida de orientação e surfe.

5.2 Análise e interpretação dos dados referentes às experiências prévias dos cursistas e sobre as vivências experimentadas nas oficinas

Nesta segunda etapa da análise partimos para as discussões acerca da avaliação das oficinas realizadas. Ao analisarmos os questionários específicos de cada oficina (*Slackline*, *Le Parkour*, Skate, *Trekking*, Corrida de Orientação e Trilha Ecológica), encontramos as informações, que foram descritas na tabela a seguir:

Tabela 3 – Organização das respostas às perguntas sobre experiências dos cursistas e sua experiência com o ensino das PCA

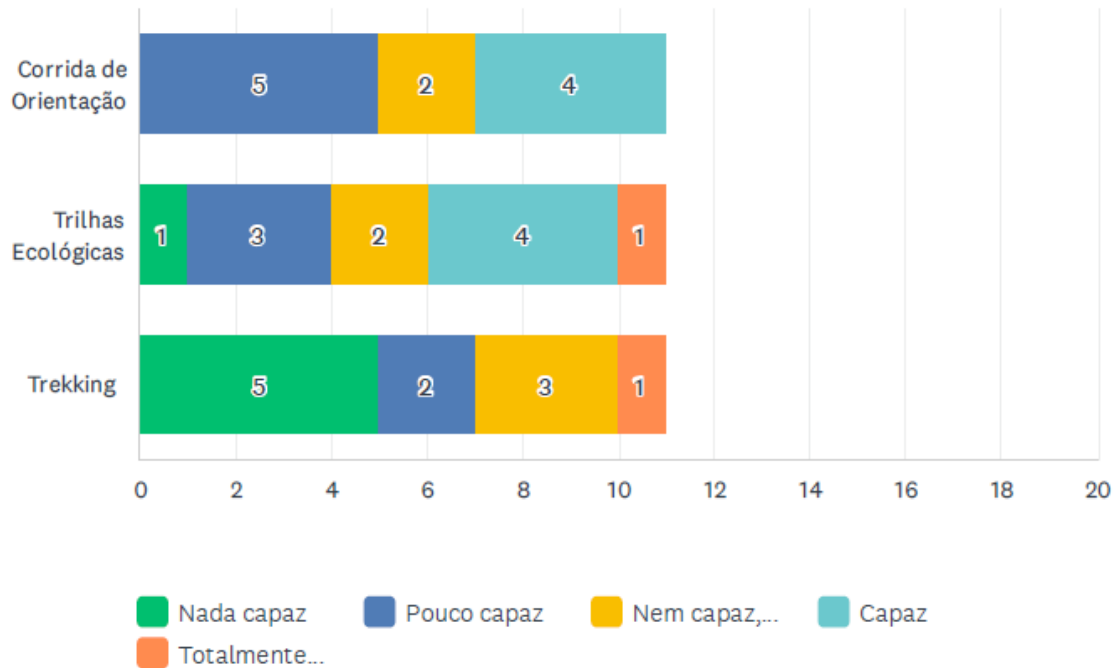
PCA	CONSIDERA-SE CAPAZ PARA ENSINAR	JÁ VIVENCIOU (%)	NÃO VIVENCIOU (%)	JÁ ENSINOU (%)
<i>SLACKLINE</i>	3.17	66,7	33,3	50
<i>LE PARKOUR</i>	2.4	18,2	81,8	45,4
<i>SKATE</i>	2.4	10	90	20
CORRIDA DE ORIENTAÇÃO	2.91	36,3	63,7	18,1
<i>TREKKING</i>	2.09	18,1	81,9	0
TRILHA ECOLÓGICA	3.09	27,2	72,8	27,2

Fonte: O Autor, 2024.

Na tabela 1, são apresentados os dados descritivos das experiências dos participantes com o ensino das modalidades de PCA nas aulas de EFE. A partir das experiências prévias com essas modalidades nos contextos pessoais (Pergunta 14: “Já teve alguma vivência pessoal com uma ou mais práticas corporais?”); experiência profissional (Pergunta 17: “Desenvolve, em suas aulas, uma ou mais PCA como conteúdo curricular?”), pudemos analisar que a maior parte dos esportes não tem sido explorado nas aulas de EFE . Observa-se com esses dados que o ensino das PCA pode estar relacionado com as experiências prévias dos docentes, uma vez que a modalidade que teve maior índice de ensino nas aulas foi a mesma que reflete a maior experiência docente (Slackline).

Em relação às crenças para ensinar, ao perguntar aos cursistas sobre elas, utilizando uma escala que variava de “nada capaz” (valor mínimo igual a zero) a “totalmente capaz” (valor máximo igual a cinco), perguntou-se se se consideravam aptos para trabalhar com o conteúdo PCA. As respostas foram analisadas por meio de média ponderada.

Gráfico 10 – Respostas para a pergunta 33



Fonte: O Autor, 2024.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos participantes do *Workshop* por oficina dentro de uma escala do tipo Likert (pergunta 33: “o quanto você se considera capaz para trabalhar com PCA nas aulas de Educação Física?”), percebemos que a maioria das respostas estão nos campos relacionados aos itens que demonstram pouca confiança de trabalhar com os conteúdos de PCA. Somando todas as respostas por modalidade oferecidas nas oficinas, obtivemos um total de respostas dentro dos níveis “capaz” ou “muito capaz” em apenas 20% das respostas. Quando separamos as respostas relacionadas aos níveis “nem capaz”, “nem incapaz”, essa porcentagem chega a 31,66% e as respostas nos campos “nada capaz” e “pouco capaz” receberam um total de 48,33%. Podemos inferir que na maioria das respostas os cursistas informaram não se sentirem capazes, de alguma forma, de ensinar os conteúdos PCA em suas aulas.

Esses dados são importantes, pois evidenciam uma baixa crença de autoeficácia desses cursistas relacionada aos conteúdos de PCA. Por outro lado, o interesse por formação continuada relacionada ao tema pode contribuir para a prática pedagógica cotidiana. Segundo Bandura (2008), experiências de sucesso ou interpretadas como bem-sucedidas desencadeiam avaliações positivas, enquanto experiências malsucedidas ou percebidas como tais podem gerar sentimentos de fracasso. Por esse motivo, a busca por formação relacionada ao tema é importante para esses cursistas desenvolverem crenças de autoeficácia docente.

Ao buscar formação para o trabalho com o conteúdo de PCA, os cursistas estão buscando ampliar suas percepções e conhecimentos para que possam ter maior confiança (autoeficácia) ao planejarem e ministrarem suas aulas. Essas ações são essenciais para o aumento de suas próprias crenças, mesmo que não obtenham sucesso em um primeiro momento, mas a forma como os cursistas passam a encarar as próprias ações, relacionadas ao conteúdo, é o mais importante.

Nos estudos pesquisados para este trabalho (Paixão, 2017; Inácio, 2016; Tahara, 2015), são evidenciadas as informações sobre a baixa quantidade de oferta de turmas na formação inicial de graduações e cursos de formação continuada. Esses dados podem ter relação direta com as experiências prévias dos cursistas, quando relacionados à formação acadêmica. Por outro lado, essas pesquisas não mencionam nem estabelecem relações com as experiências pessoais de lazer ou com a prática de atividades realizadas pelos docentes que trabalham ou pretendem trabalhar com PCA.

Dessa forma, os dados obtidos nas pesquisas realizadas e coletadas com o *workshop* por meio dos questionários nos levam a acreditar que os professores com experiências pessoais prévias – como práticas pedagógicas, de lazer e/ou como atividade física – tendem a se sentirem mais capazes de trabalhar com conteúdos de PCA nas aulas regulares de Educação Física.

Na tabela 2, a seguir, são descritas as respostas dos cursistas sobre os obstáculos que dificultam/impedem o desenvolvimento da prática de PCA em suas aulas de Educação Física.

Tabela 4 – Barreiras (falta de) para ensinar PCAs na escola (%)

PCA	ESPAÇO ADEQUADO	CONHECIMENTO PRÁTICO	CONHECIMENTO ESPECÍFICO	APOIO DA EQUIPE PEDAGÓGICA	INTERESSE DOS ESTUDANTES	EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	TEMPO PARA DESENVOLVER	NRA
SLACKLINE	58	50	42	42	25	42	—	8
LE PARKOUR	64	82	73	27	18	55	—	18
SKATE	30	90	80	30	—	90	—	—
CORRIDA DE ORIENTAÇÃO	45	64	73	55	27	—	9	9

TREKKING	45	64	73	55	27	9	9
TRILHA ECOLÓGICA	45	64	73	55	27	9	9

Fonte: O Autor, 2024.

Como podemos observar na tabela 2, as barreiras para ensinar os conteúdos nas aulas regulares de Educação Física são inúmeras e variadas de acordo com cada modalidade apresentada. Os números evidenciam que a falta de espaço adequado contribui significativamente para a não utilização dos conteúdos. Outro dado importante para a não utilização do conteúdo PCA está relacionado à falta de conhecimento prático e específico das modalidades. Além disso, a falta de apoio pedagógico e a ausência de equipamentos específicos para as modalidades representam mais um fator impeditivo para a aplicação do conteúdo PCA nas aulas regulares de EFE.

Quanto às barreiras enfrentadas nas escolas para o trabalho com as PCA, encontramos dados parecidos com os de Paixão (2020). Os cursistas informaram enfrentar diversos problemas para o trabalho com PCA. De acordo com Paixão (2020), as informações sobre os conteúdos de PCA e sua relação com a formação de professores que trabalham com as PCA são de que os professores que tiveram algum contato com disciplinas relacionadas ao conteúdo PCA durante a graduação ou a pós-graduação tendem a trabalhar com esse conteúdo mesmo quando existem barreiras a serem enfrentadas na realidade escolar.

Outra questão, levantada por Inácio (2016), é que existe um distanciamento dos conteúdos de PCA em relação aos conteúdos estabelecidos e trabalhados no cotidiano escolar. Esse distanciamento pode evidenciar o quadro de escassez de oferta de disciplinas relacionadas às PCA. Esse conteúdo precisa ser encarado pela área de Educação Física como um componente da cultura corporal de movimento para que possa ser tratado e reconhecido pelo meio acadêmico. Somente essa mudança de reconhecimento do conteúdo de PCA pode alterar o cenário.

Os fatores predominantes para os professores de Educação Física (participantes do *Workshop*) não optarem por trabalhar com os conteúdos de PCA são: falta de recursos materiais, de espaço adequado, de apoio pedagógico, de conhecimento técnico e pedagógico da modalidade e de conhecimento prático, por exemplo. Essas respostas obtidas dos cursistas do *workshop* vão ao encontro das pesquisas realizadas por Inácio (2016) e Tahara (2016), que ilustram as mesmas barreiras citadas em nosso curso de extensão.

Além disso, tivemos nas questões de espaço, apoio pedagógico e logística de material sugestões interessantes. Alguns cursistas relataram ter espaço e material pedagógico para realizar o trabalho com PCA nas aulas regulares e apoio pedagógico de colegas e direção pedagógica. Outros mencionaram a falta de espaço físico, falta de apoio pedagógico e de material e mais alguns participantes informaram ter o espaço, mas não apoio pedagógico e falta de material. Segundo Freitas (2016), tal fato evidencia a necessidade de adaptações diversas por motivos sabidamente variados como por exemplo “infraestrutura na maioria das escolas brasileiras, essas práticas possuem um potencial em estimular a vivência e diferentes sensações aos alunos, oportunizando o conhecimento de novas práticas atreladas à cultura corporal de movimento” (Freitas, 2016, p. 12).

Sabemos da realidade multifacetada encontrada no cotidiano das escolas, realidades completamente distintas e com características muito particulares de cada região e bairros. Mesmo tendo um grupo heterogêneo como cursistas, podemos perceber o quanto o apoio social e pedagógico das trocas de experiências entre pares foi construtivo para os participantes. Os relatos realizados durante a realização das oficinas e nos questionários revelam essa contribuição.

Por meio da análise dos pontos relatados, é urgente pensarmos numa possível mudança de cenário nos cursos de formação inicial e continuada podem contribuir para a alteração do quadro atual. Essa conclusão pode ser reiterada por Pereira (2019), quando explicita a necessidade de disciplinas voltadas ao ensino de PCA nos currículos dos cursos de formação superior em Educação Física.

5.3 Análise Temática: Avaliação sobre as potencialidades do Produto Educacional

Para realizar a análise temática vamos buscar as respostas dos cursistas que referendam a potencialidade do produto educacional e se é possível aplicar o conteúdo de PCA nas aulas regulares de Educação Física Escolar.

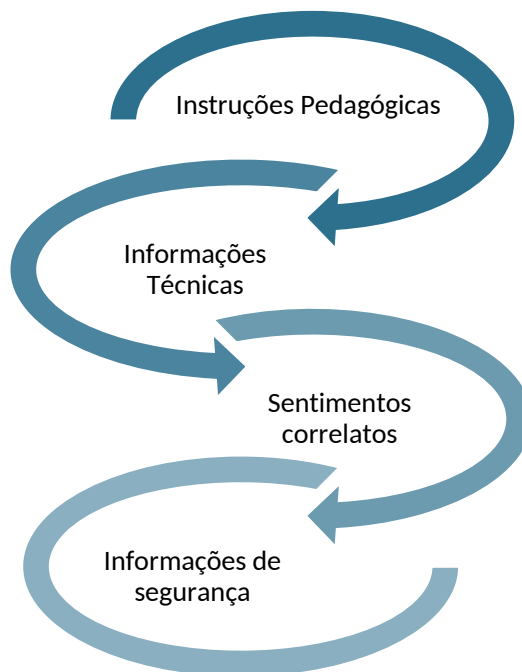
Foi realizada uma análise temática (Braun; Clarke, 2006, 2019), por meio de uma abordagem indutiva, na qual os temas são construídos sem pressuposições teóricas *à priori*. Após codificação inicial que está presente em sua totalidade nas tabelas do apêndice B, foram feitos os agrupamentos necessários para a revisão temática e construídos os temas finais.

Iniciamos com a familiarização dos dados relativos à pergunta 38 - “*Na sua opinião, que informações devem conter um guia didático para a utilização das PCA nas aulas de EFE?*” - para serem estabelecidos códigos iniciais que seguem:

- Empatia (Sentimentos);
- Instrução pedagógica sobre as modalidades (Material, planejamento, habilidades, história, regras, benefícios, adaptações, práticas trabalhadas, teoria, atividades e locais alternativos);
- Informações sobre segurança (Atividades, progressões pedagógicas, materiais, estratégias, passo a passo)
- Informações técnicas
- Atividades não excludentes.

Realizado o estabelecimento inicial dos códigos iniciais da pergunta 38, iniciamos a etapa de definição dos temas para a realização da análise das respostas dos cursistas sobre as informações que devem estar presentes na Unidade Didática. Os temas escolhidos a partir do estabelecimento inicial foram os seguintes:

Figura 3 – Temas referentes às informações que deverão compor a Unidade Didática



Fonte: O Autor, 2024.

5.3.1 Tema 1: Instruções Pedagógicas

Ao iniciar a análise das respostas obtidas sobre quais informações devem constar em uma Unidade Didática, nos deparamos com uma grande quantidade de respostas categorizadas no tema “Instruções pedagógicas”. Parte dos cursistas responderam ter interesse nesse tipo de informação. A seguir vamos elencar algumas respostas extraídas do questionário:

Exemplos de exercícios, tipos de matérias e quais materiais poderiam ser adaptados ou quais estratégias poderiam ser adotadas para chegar ao mesmo objetivo. (Cursista KMA, 2024)

Possibilidades de práticas a serem trabalhadas dentro dessa temática; possibilidades de temas transversais/discussões teóricas para casa prática. (Cursista ACT, 2024)

Histórico, materiais, atividades, alternativas de uso do equipamento público. (Cursista LRM, 2024)

Material, Planejamento e organização das atividades. (Cursista MFA, 2024)

Materiais alternativos, como construir roteiros, mapas, sinalizar a escola, orientações e dicas para aproveitamento e adaptação do espaço físico de diferentes realidades; Não exclusão de estudantes com poucas habilidades, pouca condição física, sobrepeso, medo, timidez, tdah, autismo e outras situações relacionadas à neuro-divergências. (Cursista LV, 2024)

As respostas obtidas dos cursistas dialogam com a questão levantada pelos autores Silveira, Moraes e Inácio (2013), que realizaram uma busca em cursos de formação inicial em Educação Física de Universidades brasileiras com a presença do conteúdo de PCA em suas disciplinas disponíveis aos graduandos:

[...] apenas duas disciplinas do tipo ‘optativas’, e como conteúdo, inserida na ementa, em três disciplinas ligadas à temática ‘Lazer’. As constatações dos estudos acima nos permitem deduzir que há uma relação de causa e efeito do segundo sobre o primeiro. E que é preciso sanar primeiro a lacuna da graduação para que o conteúdo passe a ser efetivamente ensinado na educação básica (Silveira; Moraes; Inácio, 2013, p. 180).

Por meio das informações analisadas do tema “Instruções Pedagógicas”, podemos inferir que a construção de um PE com o conteúdo de PCA pode ser importante no auxílio de professores de Educação Física interessados em trabalhar com essas modalidades. Além disso, os cursistas apontam para as informações que consideram relevantes ao planejarem suas atividades em seu cotidiano escolar.

5.3.2 Tema 2: Informações Técnicas

Outro tema elaborado por meio das respostas obtidas foi “Informações Técnicas”. Nesse tema os cursistas relataram quais informações gostariam de encontrar nessa Unidade Didática. Algumas das respostas foram as seguintes:

Regras, benefícios e curiosidades, além de sugestões de como adaptar esses esportes para os diferentes ambientes e recursos. (Cursista ISC, 2024)

Informações técnicas sobre as atividades e materiais. (Cursista JGV, 2024)

Quais habilidades que ela está desenvolvendo. (Cursista MFA, 2024)

Habilidades que a atividade abarca, progressões de dificuldade. (Cursista KMA, 2024)

Por meio das respostas obtidas, acreditamos na importância da realização do curso de extensão e do potencial de aplicabilidade da Unidade Didática voltada para esse tipo de conteúdo. Além disso, a apresentação e organização das oficinas escolhidas previamente receberam importantes contribuições dos participantes e isso fica evidenciado nas respostas obtidas via questionário.

5.3.3 Tema 3: Sentimentos correlatos

Outro tema construído foi “ Sentimentos Correlatos”, que surgiu a partir da seguinte resposta de um participante no questionário: “Me senti encorajada a me desafiar e superar meus medos e apesar de não ter feito algumas atividades por conta da vergonha e insegurança, me senti muito bem depois que experimentei outras. (Cursista NGS, 2024)

Em alguns trechos do texto dessa pesquisa foram mencionadas questões inerentes aos sentimentos e emoções das pessoas que têm algum contato com o conteúdo de PCA. Por acreditar no potencial de transformação das crenças individuais por meio dessas emoções e ter surgido nas respostas de alguns cursistas, essas informações sugerem que as PCA se credenciam como um conteúdo com potencial autorregulatório.

Nesse sentido, ao contribuir na formação continuada do docente, com informações sobre PCA, temos a possibilidade de proporcionar para este professor do futuro uma maior capacidade de refletir sobre essas práticas, pois conforme afirma compactuamos com o pensamento de Boruchovitch (2019) pois além de melhorar suas ações de planejamento, monitoramento e regulação de suas emoções nesse processo de aprendizagem e

autoaprendizagem que é essencial na autorregulação dos participantes. Nesse sentido, as falas seguintes descrevem a necessidade em se elaborar as emoções frente os desafios inerentes às práticas, uma vez que mencionam a necessidade dessa temática constar em um guia didático para professores.

Empatia diante das dificuldades e inseguranças dos participantes. (Cursista NGS, 2024)

Temas correlatos (cooperação entre os alunos, preocupação com o meio ambiente. (Cursista LRM, 2024)

5.3.4 Tema 4: Informações sobre segurança

Finalizando os temas elaborados, nos deparamos com a seguinte recorrência nas respostas dos cursistas: informações relacionadas à segurança. Por esse motivo e por entender que os conteúdos de PCA estão relacionados diretamente a riscos iminentes de quedas e acidentes com equipamentos das modalidades, o tema “Informações sobre segurança” foi analisado. Parte significativa dos cursistas tiveram essa preocupação em suas respostas, sobre o medo da utilização desses conteúdos nas aulas e a grande preocupação com o risco de acidentes. Esse dado corrobora as informações contidas em Pereira (2019, p. 61), onde ao tratarmos de aventura surge sempre o conceito de perigo, assim, tivemos como objetivo trabalhar a aventura visando as experiências práticas dos alunos em que o risco é controlado.

Seguem algumas respostas dos cursistas relacionadas ao tema:

Na minha opinião enfatizar os aspectos de segurança deve ser passado já nas primeiras aulas. (Cursista IVB, 2024)

“...[A]ssim como percepções preventivas de segurança. (Cursista LV, 2024)

[S]egurança da atividade proposta. (Cursista MFA, 2024)

Informações sobre segurança durante a prática (Cursista NGS, 2024)

A análise dos dados obtidos via aplicação do questionário após a realização de cada oficina vivenciada no *workshop* nos leva a acreditar no potencial de aplicabilidade da Unidade Didática em variadas realidades escolares. Acreditamos que a possibilidade de oferecimento de cursos de formação continuada tem potencial para contribuir para uma maior utilização do conteúdo de PCA nas aulas regulares de Educação Física.

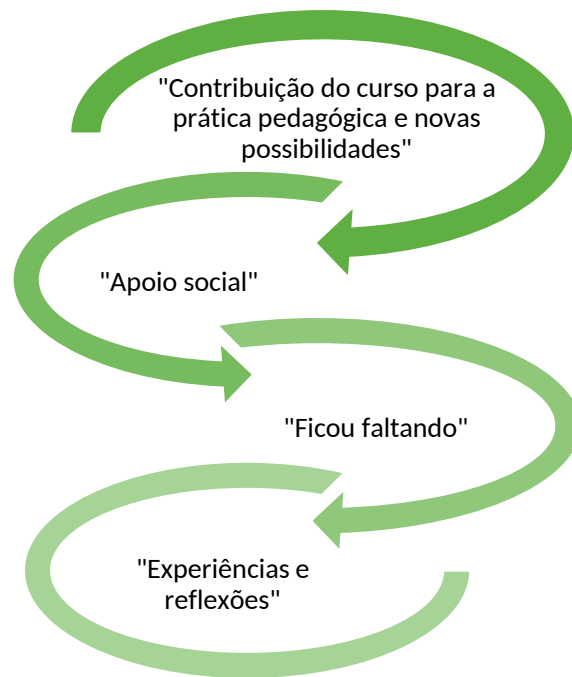
5.4 Análise Temática: Avaliação dos cursistas sobre o *Workshop*

Iniciamos a familiarização dos dados da questão 39 (*Como você avalia o WORKSHOP? Conte-nos como foi a experiência vivida hoje e de que forma ela poderá contribuir para a sua prática pedagógica.*) com a elaboração dos códigos iniciais que se encontram em sua integralidade no Apêndice B desta dissertação. Devido ao grande número de códigos, optamos pela junção de alguns códigos iniciais para ser realizada a revisão e definição dos temas mais à frente. Estes foram os códigos iniciais:

- Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas possibilidades;
- Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas potencialidades;
- Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas aprendizagens;
- Contribuição do curso para a prática pedagógica e espaço de trocas profissionais;
- Apoio social, críticas;
- Sentimentos evocados;
- O curso deu mais confiança para a prática;
- Elogios.

Realizada a primeira etapa, passamos para a escolha dos temas finais:

Figura 4 – Temas referentes à avaliação dos conteúdos apresentados no workshop



Fonte: O Autor, 2024.

5.4.1 Tema 1 – “Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas possibilidades”

O tema “Contribuição do curso para a prática pedagógica e novas possibilidades” retrata e dá indícios de potencial do produto educacional para a prática pedagógica. Os participantes cursistas avaliaram a contribuição do *workshop* como um espaço de formação continuada para a prática pedagógica, novas possibilidades pedagógicas, novas aprendizagens e espaço de trocas profissionais. Além disso, conforme a fala de um cursista “*A sugestão de ressignificar a prática foi a grande contribuição para minha prática, principalmente na slackline e no skate esse sentimento de ressignificar a prática pode contribuir com um novo olhar sobre o conteúdo PCA*” (Cursista IVB, 2024).

Ao analisar as questões aplicadas referentes à avaliação final do *workshop*, podemos extrair das respostas obtidas encaminhamentos relevantes segundo a percepção dos cursistas. A resposta da Cursista ACT, 2024 demonstra parte disso: “Possibilidades de práticas a serem trabalhadas dentro dessa temática; possibilidades de atividades e materiais/adaptações de materiais para cada prática; possibilidades de temas transversais/discussões teóricas para cada prática”.

Outra resposta interessante versa sobre a “novidade” dos conteúdos de PCA na vida dos jovens se tornando cada vez mais frequente, o que pode viabilizar o trabalho pedagógico

desse conteúdo nas aulas: “Como as práticas corporais de aventura têm se tornado cada vez mais comuns no cotidiano dos jovens e como será de grande valia a introdução delas nas aulas de Educação Física e assim oferecer emoções diversificadas para o crescimento pessoal de cada um” (Cursista CFA, 2024).

Mais uma fala importante que denota a importância da contribuição do *workshop* para a prática pedagógica dos cursistas foi a seguinte:

Um passo a passo de cada modalidade, com atividades introdutórias, materiais alternativos, como construir roteiros, mapas, sinalizar a escola, orientações e dicas para aproveitamento e adaptação do espaço físico de diferentes realidades, assim como percepções preventivas de segurança e atendimento e não exclusão de estudantes com poucas habilidades, pouca condição física, sobrepeso, medo, timidez, tdah, autismo e outras situações relacionadas à neuro-divergências. (Cursista LV, 2024)

5.4.2 Tema 2 – “Apoio Social”

Esse tema, “Apoio Social”, parece ser bastante importante, pois demonstra a relevância do *workshop* para a formação continuada dos cursistas em relação ao conteúdo de PCA. Além de demonstrar via formulário suas respostas sobre o quão importante é e de ter um espaço de troca de experiência e aprendizagem, essas respostas confirmam as falas realizadas durante as oficinas. A resposta a seguir demonstra como as trocas de experiências pedagógicas foram ricas e importantes no dia da realização do evento:

Hoje sinto-me mais segura e preparada para aplicar essas práticas em minhas aulas e também acredito que com o grupo do WhatsApp eu tenho a quem recorrer, em caso de dúvidas ou para pensar coletivamente em soluções. Principalmente na escola em que eu trabalho é muito difícil ter essa troca com os(as) outros(as) professores(as). (Cursista KMA, 2024)

Outra fala de um cursista que ilustra a importância em se ter um espaço para trocas e experiências pedagógicas relacionadas ao conteúdo de PCA é a seguinte: “*Pelo ótimo conteúdo e também pelas trocas com os participantes e suas experiências. A parte prática foi fundamental, com materiais excelentes e oportunizando às situações aos participantes*” (Cursista LRM, 2024).

Além disso, temos concordância com os autores (Franco; Cavasini; Darido, 2014; Armbrust; Pereira, 2010; Bruhns, 1997) em relação aos conteúdos de PCA onde:

[...] as práticas corporais – de aventura ou não, são manifestações que representam determinadas formas de culturas, sendo então, flexíveis, dinâmicas, cambiantes. Tais características contribuem para a compreensão e aceitação deste conteúdo na escola; afinal, nas PCAs estão inseridas inúmeras dimensões que marcam a vida moderna

em sociedade, tais como a sociabilização, a cooperação, as técnicas, a democratização (ou não) do acesso, etc. Ainda neste objetivo, quando os alunos apreendem as PCAs como construtos humanos, percebem que as mesmas podem ser reconfiguradas, moldadas, adequadas às suas necessidades, aos seus interesses e às suas possibilidades, independentemente da forma pela qual é realizada hegemonicamente. Tal processo também lhes favorece, então, perceber relações de poder e dominação ali presentes, bem como criar estratégias e agir para sua superação.

Os relatos dos cursistas indicam a possibilidade de aplicação da unidade didática sobre PCA como conteúdo de Educação Física Escolar, contribuindo na ampliação do repertório da cultura corporal de movimento dos nossos estudantes e como mais uma possibilidade de conteúdo para os professores da área.

5.4.3 Tema 3 – “Ficou faltando”

Um outro tema importante para nós está relacionado ao que não deu certo na aplicação do *workshop* PCA. Nesse caso, “Ficou Faltando” foi uma das categorias escolhidas para analisarmos as respostas dos cursistas. A partir da organização e realização do *workshop*, precisei realizar escolhas compatíveis com o tempo disponível para a realização, materiais de apoio, tempo de cada oficina e o andamento das oficinas . Por esses motivos, já era esperado ter lacunas em algum dos conteúdos propostos.

Nesse sentido, a fala do Cursista JGV, 2024 reflete a previsão realizada antes mesmo da realização do *workshop*: *“só achei que ficou faltando um aporte em corrida de orientação, é o tema que foi menos abordado e o que mais me falta conhecimento. fui pensando em aprender mais sobre a modalidade”*. Como mencionado, o andamento das oficinas anteriores à Corrida de Orientação excederam um pouco o tempo previsto por conta das trocas e sugestões pedagógicas realizadas, por isso as oficinas de trekking, corrida de orientação e trilha ecológica foram unificadas e tiveram de ser reorganizadas para não excedermos o tempo previsto.

Outra fala que vai ao encontro da questão mencionada é da Cursista LV (2024):

Eu senti falta na última atividade de mais detalhes sobre a construção da corrida de orientação, como por exemplo, a confecção do mapa para os estudantes, a marcação dos pontos, a sinalização pela escola, cálculos, desafios e mistérios que podem haver a partir do mapa.

Sabíamos do risco em realizar o *workshop* com a quantidade de modalidades oferecidas. Como a organização precisou ser alterada devido ao tempo disponível para a realização do evento, assumimos esse risco.

É importante considerar a expectativa dos cursistas frente conteúdos previamente selecionados e divulgados na promoção do *workshop* e as possíveis pausas para a apresentação e troca de experiências pedagógicas, os relatos de experiências e sugestões práticas experimentadas pelos participantes foram importantes para gerar reflexões acerca desse conteúdo na rotina das aulas regulares. Nesse sentido, mesmo que haja planejamento e organização didática para a realização das atividades para que tudo ocorra como esperado com participação de todos(todas), temos que prever aspectos cognitivos e socioemocionais que vão além do previsto (Silva, 2019).

Quando mencionado o conteúdo de PCA, não nos restringimos às sugestões de alterações nas atividades práticas de cada oficina das modalidades apresentadas. Essas sugestões foram além do simples reproduzir, refazer ou recriar determinadas atividades sob um novo olhar. Essas propostas de reorganização, (re)planejamento e repensar foram além da prática. Em acordo com o nosso argumento, os autores, Pereira e Armbrust (2010), Franco (2011), Alves e Corsino (2013) e Tahara e Darido (2016). expressam o seguinte entendimento sobre os conteúdos de PCA:

Entendem que as transformações da sociedade atual fazem com que os professores de Educação Física repensem formas de contextualizar os conteúdos da referida área entre os alunos, tentando oportunizar aulas prazerosas e diversificadas em relação às vivências. E as PCA são uma realidade nos dias atuais, devendo ser inseridas e tratadas nas aulas em ambiente escolar.

A cada passo realizado no *workshop*, os participantes do curso trouxeram questões relevantes que permeiam suas práticas cotidianas: questões relacionadas ao espaço das aulas, da falta de materiais, a falta de apoio pedagógico da escola e de seus pares de Educação Física, falta de tempo para planejamento, falta de motivação dos estudantes, falta de conhecimento técnico e prático sobre as modalidades e insegurança na aplicação e realização desses conteúdos.

5.4.4 Tema 4 – “Experiências e reflexões”

Para finalizar nossa categorização por temas construídos via respostas dos cursistas, analisamos o tema “Experiências e Reflexões”. Da mesma forma que previmos os possíveis equívocos da realização do *workshop*, imaginamos a possibilidade de captar opiniões interessantes e produtivas advindas da aplicação desse conteúdo. Nesse sentido, podemos elencar algumas respostas interessantes e motivadoras para uma possível replicação, ampliação e reformulação das escolhas realizadas para o *workshop* PCA.

As falas dos cursistas podem ser divididas levando em consideração o aspecto pedagógico, apoio pessoal e de sentimentos experimentados a partir das atividades vivenciadas. Em relação ao aspecto pedagógico, algumas respostas enfatizam o quão foram importantes as trocas pedagógicas realizadas durante as oficinas. Já no item apoio social, alguns cursistas responderam que a prática realizada por colegas e o suporte dado pelos mesmos foi de grande importância para se sentirem à vontade e os sentimentos experimentados surgiram durante as oficinas, onde os relatos de superação, medo, alegria e confiança foram expressos e corroborados nas respostas do questionário.

Seguem algumas falas dos cursistas voltadas para o aspecto pedagógico que corroboram a importância do *workshop*:

A experiência foi muito enriquecedora do ponto de vista das trocas pedagógicas, e das possibilidades de atividades/vivências a serem realizadas no ambiente escolar sobre cada prática realizada. (Cursista ACT, 2024)

Achei muito rica todas as atividades. Os deslocamentos usando a slackline como apoio e o tapete para deslize, a passagem de um lado ao outro por baixo da Slack foram bem interessantes. (Cursista IVB, 2024).

Foi muito esclarecedora e vai contribuir para eu ter mais segurança na confecção e condução das minhas aulas. (Cursista LV, 2024).

Outras falas impactaram no apoio social vivenciado durante a realização das oficinas. A seguir temos as seguintes falas do cursistas:

Me motiva como professora a desenvolver e desafiar a mim e a meus alunos a aproveitar os ambientes e lidar com riscos e perigos advindos da imprevisibilidade, mas também a calcular formas de minimizar riscos com o apoio dos colegas. (Cursista CFA, 2024).

Pelo ótimo conteúdo e também pelas trocas com os participantes e suas experiências. A parte prática foi fundamental, com materiais excelentes e oportunizando às situações aos participantes. (Cursista LRM, 2024).

Me senti encorajada a me desafiar e superar meus medos e apesar de não ter feito algumas atividades por conta da vergonha e insegurança, me senti muito bem depois que experimentei outras. (Cursista NGS, 2024).

Outro fator importante encontrado no tema “Experiência e Reflexões” onde as respostas dos cursistas foram as de sentimentos experimentados durante a realização do evento. Sentimentos de superação, ineditismo, vergonha, medo, insegurança e aprendizagem foram mencionados além da prática pedagógica, pois tiveram impacto direto nas experiências

de vida de cada professor cursista presente. Algumas falas podem representar esses sentimentos:

Troca de experiências, despertou memórias da infância. (Cursista MFA, 2024).

Foi uma ótima experiência. Pude experimentar práticas que nunca antes havia praticado e me superei com relação à vergonha e à insegurança. (Cursista NGS, 2024).

Não tinha vivenciado muitas dessas práticas, a maioria foi a primeira vez... Elas resgataram memórias da infância, além de deixar um gostinho que quero mais. (Cursista ISC, 2024).

Ótimo! Eu realmente amei a experiência e cada vivência. É triste ter que chegar aos 26 anos e só ter passado por isso agora, mesmo estando formada há apenas 3 anos. Mas, acredito que independente do tempo, o aprendizado deve ser constante e diário e foi isso que o workshop proporcionou-me, aprender sobre atividades que não sabia, vivenciá-las com o meu corpo, ter uma bagagem teórica, pensar em estratégias de participação plena dos estudantes ou quais adaptações/estratégias são viáveis de apresentar a eles. Muito obrigada pela oportunidade e desejo que muitas outras pessoas apareçam pela minha trajetória. (Cursista KMA, 2024).

A partir as informações geradas da familiarização dos dados obtidos com a aplicação do questionário aos cursistas, ficou evidenciado como Paixão (2017, p. 171) relata em seu artigo: “O quadro até aqui apresentado circunscreve o esporte de aventura como um campo de intervenção profissional docente inovador, instigante e repleto de possibilidades para diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem, inclusive o escolar”.

Essa busca da ampliação do repertório da cultura corporal de movimento deve ser uma constante na área de Educação Física Escolar, pois deve ser encarada como espaço amplo de discussão e troca pedagógica entre os professores que visem a busca de temas enriquecedores para a formação dos nossos estudantes. Esse entendimento está alinhado às orientações Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), que apontam para a necessidade de se ampliar e enriquecer o conteúdo das aulas de Educação Física escolar através das vivências das diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento, considerando-se as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos .

Esses apontamentos podem e devem contribuir para a ampliação desses conteúdos ministrados nas aulas regulares, superando a realidade vivenciada pela maioria dos protagonistas das aulas de Educação Física. Acreditamos que a globalização dos esportes, músicas e demais produtos culturais constroem uma “comunidade imaginária” global de referências globais única (Neira, 2015) que tem como projeto a desigualdade. Nesse projeto,

incluímos os conteúdos de PCA para buscar a ampliação do repertório da cultura corporal de nossos estudantes.

Outro posicionamento importante que corrobora com o nosso entendimento é de não podermos negar a realidade vivenciada nas aulas, onde o esporte coletivo e eurocêntrico atende a uma boa parcela dos estudantes. No entanto, Paixão (2017, p. 172) dialoga com nosso entendimento onde “não se pode desconsiderar que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas”.

O conteúdo relacionado às PCA vem ganhando espaço significativo nas grandes mídias desde a década de 90 no Brasil, conforme Paixão (2017, p. 171) aponta:

A prática de esporte de aventura é um fenômeno crescente no Brasil nas últimas décadas. Trata-se de práticas corporais, manifestadas no âmbito do lazer e da competição e que, por sua vez, têm como eixos norteadores a aventura, o risco e as fortes emoções em sua máxima intensidade e profusão experiência no meio natural.

Algumas modalidades ganharam tanto espaço que se tornaram modalidades olímpicas como o Skate e escalada esportiva, por exemplo. Essas modalidades devem ser tratadas como elementos integrantes da cultura corporal de movimento e discutidas no âmbito escolar, pois elas se manifestam não somente no campo das competições esportivas, mas também nos campos do lazer e da prática de atividade física como autocuidado.

No caso específico de PCA, algumas modalidades podem ser praticadas tanto em ambiente de natureza quanto urbano (Paixão, 2017). Essas práticas podem ser comuns a uma boa parcela da população independentemente de suas características e aptidão física, já que muitas dessas modalidades não necessitam de pessoas habilidosas para executá-las. Além disso, algumas dessas práticas proporcionam a troca de experiências entre os praticantes sem condicionantes de idade, sexo, orientação sexual e credo por exemplo.

Quando passamos a considerar os conteúdos não trabalhados tradicionalmente no âmbito escolar que são ofertados pelos professores de maneira quase obrigatória, acreditamos na construção de conteúdos da Educação Física escolar com a participação dos estudantes e “devem ser ampliados com a diversidade contemporânea de alunos que são produtores e transmissores de cultura atendendo aos seus interesses considerados como conteúdos culturais emergentes” (Armbrust; Lauro, 2010).

Sabemos que as PCA são manifestações de uma cultura estabelecida e repassada por seus praticantes, portanto elas são dinâmicas e sofrem influência da cultura local onde estão inseridas (Paixão, 2017). Por conta dessa dinâmica, acredito ser importante a compreensão e

entendimento desse conteúdo como parte integrante da rotina da Educação Física Escolar, pois essas práticas estão inseridas em nossa sociedade e podem contribuir para uma maior utilização e discussão sobre os espaços públicos destinados à população.

Buscando entender as respostas obtidas dos cursistas e da importância da aplicação do conteúdo de PCA nas aulas regulares de Educação Física concordamos com Inácio (2016, p. 172), já que:

[...] quando os alunos apreendem as PCAs como construtos humanos, percebem que as mesmas podem ser reconfiguradas, moldadas, adequadas às suas necessidades, aos seus interesses e às suas possibilidades, independentemente da forma pela qual é realizada hegemonicamente. Tal processo também lhes favorece, então, perceber relações de poder e dominação ali presentes, bem como criar estratégias e agir para sua superação.

A partir dos dados apresentados, buscamos evidenciar nosso entendimento sobre o conteúdo de PCA aplicado nas aulas de Educação Física e buscar respostas no referencial que justifique essa utilização, além de nos amparar nas respostas apresentadas pelos cursistas a partir de suas vivências realizadas no *workshop*. Sabemos da dinâmica do conhecimento e de sua amplitude conceitual, porém esse foi o caminho escolhido. Acreditamos na continuidade e ampliação de novas pesquisas na área para contribuir na extensão do acervo da cultura corporal de movimento disponibilizada para nossos estudantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo o exposto neste estudo, cabe mencionar a relevância de se levantar discussões acerca das Práticas Corporais de Aventura nas escolas, uma vez que a revisão bibliográfica, juntamente com as experiências relacionadas no workshop, evidenciou o potencial pedagógico desse conteúdo e de sua relação com a Autorregulação. Foram encontrados nas respostas dos cursistas elementos que corroboram a ideia central dessa pesquisa e indicam possíveis caminhos para a realização, aprofundamento e ampliação de pesquisas relacionadas ao tema.

O processo de análise desses dados foi realizado via análise temática, onde foram estabelecidos códigos iniciais para o agrupamento dessas respostas. Após essa etapa inicial, foram criadas categorias para unir as informações relatadas pelos cursistas. Por meio dessas categorias constatamos que a avaliação dos cursistas foi positiva em todos os pontos do curso de extensão oferecido.

Alguns relatos foram bem específicos e direcionados ao que concerne à Teoria Social Cognitiva, ao constructo da autorregulação da aprendizagem e à regulação das emoções. Nesses comentários, alguns participantes mencionaram o aprendizado na prática, na experimentação e no sentir das emoções vivenciadas pelas atividades propostas. A superação de barreiras, a modelação e as estratégias autorregulatórias utilizadas na mediação do conteúdo das oficinas foram significativas para os participantes.

Outro fator mencionado de maneira positiva foi a proposta de alteração das atividades realizadas. Nesses momentos, alguns participantes se sentiram encorajados para planejar atividades até então desconhecidas e imediatamente testadas por colegas de profissão. Isso somado ao fato de todos terem participado das atividades de acordo com seus sentimentos, intenções e relacionando o conhecimento do *workshop* com sua prática pedagógica.

Por fim, acredito que foi possível demonstrar de maneira “teórico x prática” que o conteúdo de PCA pode ser trabalhado no cotidiano escolar como ferramenta autorregulatória, além de ser um conteúdo que deve estar presente na realidade escolar de professores e de estudantes. Sabemos das inúmeras dificuldades existentes na realidade das escolas, mas a busca e o compartilhamento de informações relacionadas ao tema podem favorecer, mediar e acolher envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Para que isso possa ocorrer de maneira fluida, temos acordo com Bandura (2008), pois o sujeito aprende a partir da interação recíproca entre aspectos pessoais, comportamentos e influências ambientais. Dessa forma, a busca pelo conhecimento e a troca de experiências

proporcionadas pela participação no *workshop* possibilitou que os participantes pudessem vivenciar estratégias de autorregulação frente as atividades e além de aproximarem-se dos sentimentos de autoeficácia sobre o conteúdo PCA .

A construção de uma unidade didática para o desenvolvimento do tema PCA nas aulas de Educação Física Escolar e apresentar possibilidades de explorar os conteúdos Slackline, Le Parkour, Skate, Trekking, Corrida de Orientação e Trilhas Ecológicas como ferramenta autorregulatória sobre a prática de atividade física era um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Um dos objetivos propostos pela pesquisa foi o de avaliar o potencial de aplicabilidade da unidade didática nas aulas de Educação Física para a Educação Básica. Algumas falas corroboram no intuito da importância de ressignificação ocorrida a partir do curso de extensão. Outras falas mencionaram a importância em se ter um material que oriente a condução dos conteúdos de PCA e há falas que reforçaram a importância do *workshop* na formação continuada dos cursistas.

A avaliação desses resultados referentes à aplicabilidade do produto educacional indica e permite nos dizer que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados. Ao analisar a seção quatro, as evidências encontradas nas falas dos cursistas sugerem uma contribuição da pesquisa no campo das PCA na Educação Física Escolar. Essas evidências têm correlação com o fato de os cursistas não terem tido essa formação inicial e pelo interesse pessoal em trabalhar com esse conteúdo nas aulas.

Dessa maneira, uma das principais contribuições da pesquisa foi proporcionar suporte teórico-prático sobre o conteúdo de PCA, além de possibilitar a experimentação e ressignificação desses conteúdos para as aulas regulares. Essas contribuições eram esperadas inicialmente, porém no campo das emoções as contribuições foram além do esperado. Alguns relatos de cursistas evidenciaram o potencial autorregulatório das atividades tanto para os estudantes, quanto para os professores, além de aumentar as crenças de autoeficácia dos cursistas em relação ao conteúdo. Essa informação sugere o aprofundamento dessa questão em pesquisas futuras.

Mesmo tendo indicativos positivos para a obtenção dos objetivos previstos desta pesquisa, tivemos algumas limitações que condicionaram o caminho percorrido durante o curso do mestrado. A principal limitação da presente pesquisa foi a realização do *workshop* com a duração de 8h. Essa limitação de horas no *workshop* gerou a necessidade de agrupar conteúdos de três oficinas em uma e esse agrupamento não permitiu que os conteúdos das

modalidades *Trekking*, Corrida de Orientação e Trilha Ecológica fossem trabalhados da maneira pensada inicialmente.

Em pesquisas futuras, sugere-se a possibilidade de aprofundamento em mais modalidades do conteúdo de PCA e a organização de cursos de extensão que abarquem maior tempo de estudo com maior quantidade de horas em formato teórico-prático. A necessidade de formação continuada foi evidenciada pelos cursistas e, por esse motivo, acreditamos que a realização de pesquisas futuras sobre o tema pode contribuir na formação docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. A. Formação do Pesquisador da Prática Pedagógica. **Plurais: Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/2300>. Acesso em: 10 out. 2024.
- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 16, n. 3, p. 799-807, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/tm7dGTDWxVVj3SMzKcF3Fqg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2024.
- BANDURA, A. Social cognitive theory: An agentic perspective. **Annual Review of Psychology**, v. 52, p. 1-26, 2001.
- BANDURA, A. A teoria Social Cognitiva na perspectiva da agência. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 149-164.
- BANDURA, A. Health Promotion by Social Cognitive Means. **Health Education & Behavior**. Stanford, v. 31, n. 2, p. 143-164, 2004.
- BORUCHOVITCH, E. Autorregulação da aprendizagem: contribuições da psicologia educacional para a formação de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 401-409, 2014.
- BORUCHOVITCH, E; GOMES M. A. M. (org.). **Aprendizagem autorregulada: Como promovê-la no contexto escolar?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BRASIL. **Lei nº 14.393, de 4 de julho de 2022**. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, para instituir a Campanha Junho Verde. Brasília, DF: Secretaria Geral da Presidência da República, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2019-2022/2022/Lei/L14393.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.393%2C%20DE%204,instituir%20a%20Campanha%20Junho%20Verde. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm . Acesso em: 12 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP9/2001: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília, DF: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia de atividade física para a população brasileira [recurso eletrônico]**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**. Oxfordshire, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2159676X.2019.1628806>. Acesso em: 1 set. 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Toward good practice in thematic analysis: Avoiding common problems and be (com)ing a knowing researcher. **International Journal of Transgender Health**, Oxfordshire, v. 24, n. 1, p. 1-6, 2023.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Oxfordshire, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 4 set. 2024.

BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. Autorregulação da motivação e das emoções. *In*: FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BORUCHOVITCH, Evely (ed.). **Autorregulação da aprendizagem: cenários, desafios, perspectivas para o contexto educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CAPAVERDE, M. R.; MEDEIROS, T. N.; ALVES, S. L. C. Esporte de Aventura nas aulas de Educação Física: uma alternativa ao alcance dos profissionais?. **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

COLÉGIO PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico Institucional: 2017-2020: Educação Física**. Rio de Janeiro: CPPII, 2018. p. 234-259.

DIAS, C. A. G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/922/717>. Acesso em: 19 nov. 2024.

FRANÇA, D. L. de; ROCHA, A. J. P. da; OLIVEIRA, V. de; VAGETTI, G. C. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 33, n. 66, p. e33, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em: 10 out. 2024.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo**. 2008. 134 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura: possibilidades no contexto escolar. *In*: DARIDO, Suraya Cristina *et al.* (org.). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011. p. 66-76.

FRANCO, L. C. P.; TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C.. Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de educação física: relações com a base nacional comum curricular. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 1, p. 66-76, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INÁCIO, H. L. D. *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

LAVOCAT, M. E. Apenas 36% das escolas públicas no Brasil têm quadras esportivas. **Correio Braziliense**. Brasília, DF, 13 ago. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2024/08/6915424- apenas-36-das-escolas-publicas-no-brasil-tem-quadras-esportivas.html>. Acesso em: 22 set. 2024.

NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276-304, 2015.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 671-685, 2011.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y.. **Escolas e Professores, Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: Sec: Iat, 2022.

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em 11 out. 2024.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

PEREIRA, D. W.. **Pedagogia da aventura na escola: proposições para a base nacional comum curricular**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2019.

PEREIRA, J. M.; MONTEIRO, L. R. Atividades Físicas de exploração da natureza: em defesa do seu valor educativo. **Revista Horizonte Científico**. Uberlândia, v. 69, n. 3, p. 111-116, 1995.

RAMOS V. *et al.* Percepção de autoeficácia docente: um estudo sobre as experiências de universitários de educação física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 53-62, 2018.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. **Práticas corporais: Gênese de um movimento investigativo em Educação Física**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

SILVA, K. R. X. P.; ALVES, V. P. O sujeito que aprende na perspectiva da teoria social cognitiva (TSC). *In*: SILVA, Kátia Regina Xavier Pereira da; MOREIRA, Marcelle Resende

(org.). **Teoria Social Cognitiva e a formação do professor pesquisador: reflexões, pesquisas e práticas.** Curitiba: CRV, 2016. p. 53-67.

SILVA, K. R. X. P. Competências socioemocionais frente à diversidade na Educação Física escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 20-35, 2019.

SILVA, K. R. X. P.; MOREIRA, M. R. (org.). **Teoria Social Cognitiva e a formação do professor pesquisador: reflexões, pesquisas e práticas.** Curitiba: CRV, 2016.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 16 set. 2023.

UVINHA, R. R. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. *In*: MOREIRA, Evando Carlos (org.). **Educação física escolar: desafios e propostas 1.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 241-256.

ZIMMERMAN, B. J. From cognitive modeling to self-regulation: A social cognitive career path. **Educational Psychologist**, Oxfordshire, v. 48, n. 3, p. 135-147, 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DO CURSO DE EXTENSÃO

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Bem-vindo ao nosso WORKSHOP!

O primeiro momento do Workshop será reservado à realização do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido, por esta atividade de extensão se tratar, também, de uma etapa de Pesquisa do Curso de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II.

1. Seu nome completo

2. Informe sua decisão

- CONCORDO em participar da Pesquisa
- NÃO CONCORDO em participar da pesquisa

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Vamos conversar?

Este formulário foi desenvolvido para obter informações gerais sobre você e sua atividade docente. Para respondê-lo leve em consideração sua realidade atual como Professor de Educação Física e a realidade da instituição na qual você trabalha. Não há respostas certas ou erradas. Suas respostas são confidenciais. Agradecemos sua colaboração!

3. Vamos conversar?

- Apresentação dos participantes e de suas práticas
- Slackline
- Le Parkour
- Skate
- Corrida de Orientação/Trilhas Ecológicas/Trekking
- Avaliação final

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**Apresentação dos participantes e de suas práticas**

4. Seu e-mail

5. Sua idade

6. Sexo:

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não informar

7. Tipo de instituição onde atua como docente (marque mais de uma se for o caso)

- Pública
- Privada

8. Que curso(s) de graduação você concluiu?

Graduação 1

Graduação 2

Graduação 3

9. Tipo de instituição que cursou a graduação

- Pública
- Privada
- Cursei mais de uma graduação (especificar)

10. Ano de conclusão da graduação/licenciatura

11. Curso de pós-graduação concluído (marque mais de uma opção se for o caso)

- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-Doutorado
- Não tenho curso de pós-graduação

12. Tempo que atua como professor (a) de Educação Física

- Menos de um ano
- 1 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos
- Estou cursando a licenciatura

13. No seu curso de graduação em Educação Física você teve disciplinas que tratavam das Práticas Corporais de Aventura (PCA)? (Caso sim, liste-as)

- Não
- Sim (especifique)

14. Você já teve alguma vivência pessoal com uma ou mais Práticas Corporais de Aventura (PCA)? (Caso sim, liste-as)

- Não
- Sim (especifique)

15. Porque você escolheu se inscrever no Workshop sobre PCA? Conte-nos um pouco sobre sua trajetória com a temática.

16. Você já buscou auxílio de formações continuadas sobre PCA? (Marque mais de uma alternativa se for o caso)

- Nunca busquei formação continuada em PCA
- Cursos de extensão
- Formação em serviço
- Workshop
- Especialização
- Outro (especifique)

17. Você desenvolve, em suas aulas de Educação Física, uma ou mais PCA como conteúdo curricular? Se sim, como?

- Não
- Sim (especifique)

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SLACKLINE

18. O quanto você se considera capaz de trabalhar a SLACKLINE nas suas aulas de Educação Física?

Nada capaz	Pouco capaz	Nem capaz, nem incapaz	Muito capaz	Totalmente capaz
★	★	★	★	★

19. Você já vivenciou a prática da SLACKLINE?

- Sim
 Não

20. Você já trabalhou com a SLACKLINE nas suas aulas de EF?

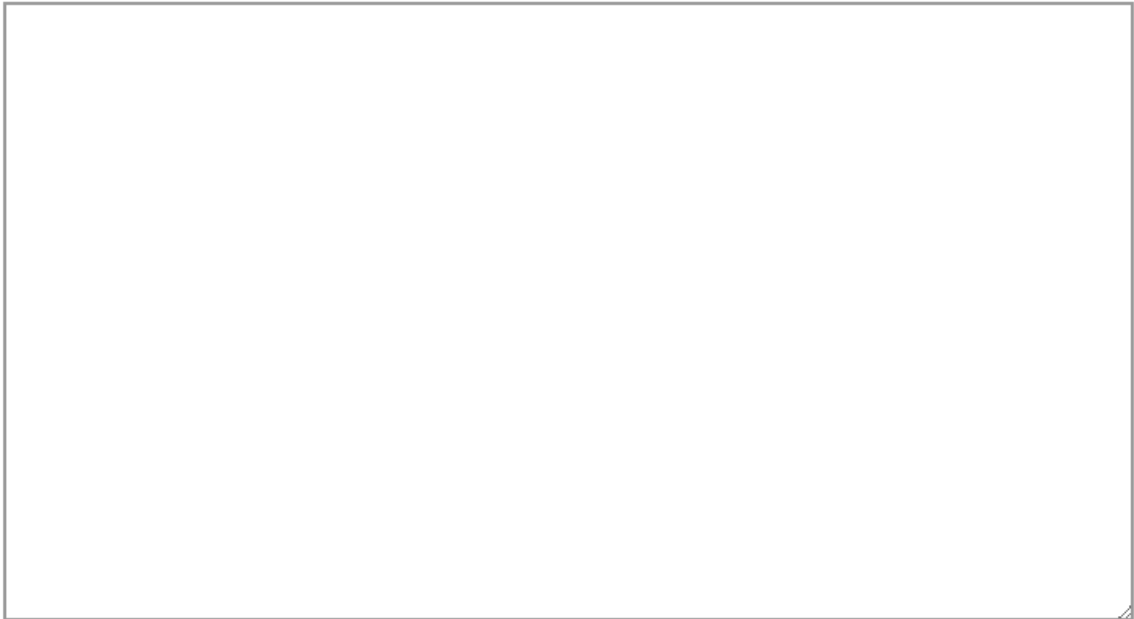
- Sim
 Não

21. Dentre os obstáculos listados abaixo, quais aqueles que dificultam/impedem o desenvolvimento da prática da SLACKLINE nas suas aulas de educação física? (Marque mais de uma e liste outros obstáculos, se for o caso)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Falta de espaço adequado/estrutura física da escola | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento específico sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de equipamentos e materiais | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento prático sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de tempo para desenvolver conteúdo | <input type="checkbox"/> Falta de interesse dos estudantes |
| <input type="checkbox"/> Falta de apoio da equipe pedagógica | |
| <input type="checkbox"/> Outro (especifique) | |

- Nenhuma das anteriores

22. Que conhecimentos e habilidades podem ser trabalhados a partir do ensino da SLACKLINE?



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LE PARKOUR

23. O quanto você se considera capaz de trabalhar o PARKOUR nas suas aulas de Educação Física?

Nada capaz Pouco capaz Nem capaz, nem incapaz Muito capaz Totalmente capaz



24. Você já vivenciou a prática do LE PARKOUR?

- Sim
 Não

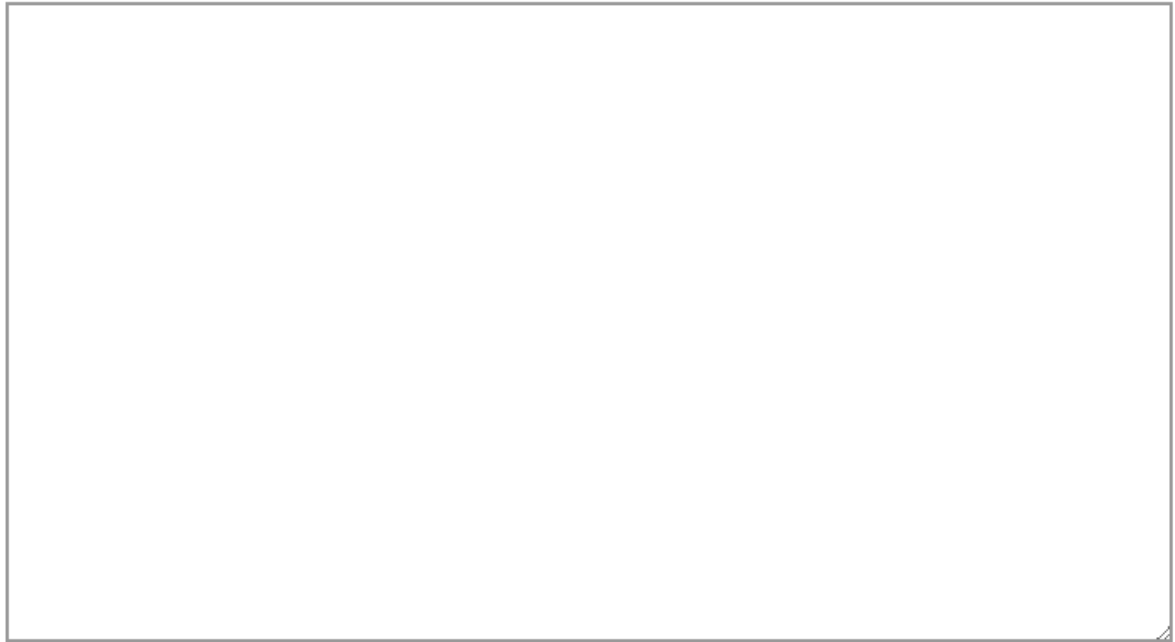
25. Você já trabalhou com LE PARKOUR nas suas aulas de EF?

- Sim
 Não

26. Dentre os obstáculos listados abaixo, quais aqueles que dificultam/impedem o desenvolvimento da prática do LE PARKOUR nas suas aulas de educação física?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Falta de espaço adequado/estrutura física da escola | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento específico sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de equipamentos e materiais | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento prático sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de tempo para desenvolver conteúdo | <input type="checkbox"/> Falta de interesse dos estudantes |
| <input type="checkbox"/> Falta de apoio da equipe pedagógica | |
| <input type="checkbox"/> Outro (especifique) | |
| | |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma das anteriores | |

27. Que conhecimentos e habilidades podem ser trabalhados a partir do ensino do LE PARKOUR?



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SKATE

28. O quanto você se considera capaz de trabalhar o SKATE nas suas aulas de Educação Física?

Nada capaz	Pouco capaz	Nem capaz, nem incapaz	Muito capaz	Totalmente capaz
★	★	★	★	★

29. Você já vivenciou a prática do SKATE?

- Sim
 Não

30. Você já trabalhou com a SKATE nas suas aulas de EF?

- Sim
 Não

31. Dentre os obstáculos listados abaixo, quais aqueles que dificultam/impedem o desenvolvimento da prática do SKATE nas suas aulas de educação física? (Marque mais de uma e liste outros obstáculos, se for o caso)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Falta de espaço adequado/estrutura física da escola | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento específico sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de equipamentos e materiais | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento prático sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de tempo para desenvolver conteúdo | <input type="checkbox"/> Falta de interesse dos estudantes |
| <input type="checkbox"/> Falta de apoio da equipe pedagógica | |
| <input type="checkbox"/> Outro (especifique) | |

- Nenhuma das anteriores

32. Que conhecimentos e habilidades podem ser trabalhados a partir do ensino do SKATE?



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Corrida de Orientação/Trilhas Ecológicas/Trekking

33. O quanto você se considera capaz de trabalhar conteúdos como nas suas aulas de Educação Física?

	Nada capaz	Pouco capaz	Nem capaz, nem incapaz	Capaz	Totalmente capaz
Corrida de Orientação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trilhas Ecológicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trekking	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

34. Quais das práticas abaixo você já vivenciou?

- Corrida de Orientação
- Trilhas Ecológicas
- Trekking
- Nenhuma das anteriores

35. Quais das práticas abaixo você já trabalhou em suas aulas de educação física?

- Corrida de Orientação
- Trilhas Ecológicas
- Trekking
- Nenhuma das anteriores

36. Dentre os obstáculos listados abaixo, quais aqueles que dificultam/impedem o desenvolvimento da prática de Corrida de Orientação/Trilhas Ecológicas/Trekking nas suas aulas de educação física? (Marque mais de uma e liste outros obstáculos, se for o caso)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Falta de espaço adequado/estrutura física da escola | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento específico sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de equipamentos e materiais | <input type="checkbox"/> Falta de conhecimento prático sobre a modalidade |
| <input type="checkbox"/> Falta de tempo para desenvolver conteúdo | <input type="checkbox"/> Falta de interesse dos estudantes |
| <input type="checkbox"/> Falta de apoio da equipe pedagógica | |
| <input type="checkbox"/> Outro (especifique) | |

- Nenhuma das anteriores

37. Que conhecimentos e habilidades podem ser trabalhados a partir do ensino de conteúdos como Corrida de Orientação/Trilhas Ecológicas/Trekking?



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Avaliação final

38. Na sua opinião, que informações devem conter um guia didático para a utilização das PCA nas aulas de EFE?



39. Como você avalia o WORKSHOP? Conte-nos como foi a experiência vivida hoje e de que forma ela poderá contribuir para a sua prática pedagógica.



APÊNDICE B – ANÁLISE DOS DADOS DO CURSO DE EXTENSÃO

Análise temática (Braun e Clarke) – Análise da Pergunta 38:

Tabela 5 – Códigos iniciais

Excerto do texto	Códigos iniciais (BD)
NGS - Informações sobre segurança durante a prática, empatia diante das dificuldades e inseguranças dos participantes	Informações sobre segurança Empatia (Sentimentos)
MFA - Material, Planejamento e organização das atividades e quais habilidades que ela está desenvolvendo e segurança da atividade proposta.	Instrução pedagógica sobre as (modalidades = Material, planejamento, habilidades) Informação sobre segurança
ISC - Resumo da história dos esportes que contemplam as PCAs, regras, benefícios e curiosidades, além de sugestões de como adaptar esses esportes para os diferentes ambientes e recursos.	Instrução pedagógica sobre as modalidades (História, regras, benefícios, adaptações)
CFA - Como as práticas corporais de aventura têm se tornado cada vez mais comuns no cotidiano dos jovens e como será de grande valia a introdução delas nas aulas de Educação Física.	
ACT - Possibilidades de práticas a serem trabalhadas dentro dessa temática; possibilidades de atividades e materiais/adaptações de materiais para cada prática; possibilidades de temas transversais/discussões teóricas para casa prática	Instrução pedagógica sobre as modalidades (Práticas trabalhadas, materiais, teoria)
LRM - Histórico, materiais, atividades, noções de segurança, temas correlatos (cooperação entre os alunos, preocupação com o meio ambiente, alternativas de uso do equipamento público)	Instruções pedagógicas (materiais, atividades, locais alternativos) Informações sobre segurança
KMA - Habilidades que a atividade abarca, progressões de dificuldade, exemplos de exercícios, tipos de matérias e quais matérias poderiam ser adaptados ou quais estratégias poderiam ser adotadas para chegar ao mesmo objetivo.	Instruções pedagógicas (Atividades progressões pedagógicas, materiais, estratégias)
JGV - informações técnicas sobre as atividades e materiais, dicas de utilização e prática, informações sobre segurança e atividades propostas	Instruções técnicas (Atividades, materiais) Instruções pedagógicas (Dicas, atividades) Informações sobre segurança
IVB - Na minha opinião enfatizar os aspectos de segurança deve ser passado já nas primeiras aulas. Iniciar com uma vivência bem livre dos momentos e na sequência apontar as possibilidades de acidentes.	Informações sobre segurança (Possibilidades de acidentes) Instruções pedagógicas (Atividades)
LV - Um passo a passo de cada modalidade, com atividades introdutórias, materiais alternativos, como	Instruções pedagógicas (Passo a passo, atividades, materiais...)

Excerto do texto	Códigos iniciais (BD)
construir roteiros, mapas, sinalizar a escola, orientações e dicas para aproveitamento e adaptação do espaço físico de diferentes realidades, assim como percepções preventivas de segurança e atendimento e não exclusão de estudantes com poucas habilidades, pouca condição física, sobrepeso, medo, timidez, TDAH, autismo e outras situações relacionadas à neuro-divergências.	Informações sobre segurança Atividades não excludentes

Fonte: O Autor, 2024.

Tabela de respostas à questão 38:

Tabela 6 – Estabelecimento dos temas finais para análise

Cursista	Instruções Pedagógicas	Informações Técnicas	Sentimentos Correlatos	Informações sobre segurança
ACT	<i>“Possibilidades de práticas a serem trabalhadas dentro dessa temática; possibilidades de temas transversais/discussões teóricas para casa prática”</i>	<i>“Possibilidades de atividades e materiais/adaptações de materiais para cada prática.”</i>		
CFA	<i>“Como as práticas corporais de aventura têm se tornado cada vez mais comuns no cotidiano dos jovens.”</i>	<i>“Como será de grande valia a introdução delas nas aulas de Educação Física.”</i>		
ISC	<i>“Resumo da história dos esportes que contemplam as PCAs”</i>	<i>“Regras, benefícios e curiosidades, além de sugestões de como adaptar esses esportes para os diferentes ambientes e recursos.”</i>		
IVB	<i>“Iniciar com uma vivência bem livre dos momentos e na sequência apontar as possibilidades de acidentes.”</i>			<i>“Na minha opinião enfatizar os aspectos de segurança deve ser passado já nas primeiras aulas.”</i>
JGV	<i>“Dicas de utilização e prática e atividades propostas.”</i>	<i>“Informações técnicas sobre as atividades e materiais.”</i>		<i>“Informações sobre segurança”</i>
KMA	<i>“Exemplos de exercícios, tipos de matérias e quais materiais poderiam ser adaptados ou quais estratégias poderiam ser “Adotadas para</i>	<i>“Habilidades que a atividade abarca, progressões de dificuldade”</i>		

Cursista	Instruções Pedagógicas	Informações Técnicas	Sentimentos Correlatos	Informações sobre segurança
	<i>chegar ao mesmo objetivo.”</i>			
LRM	<i>“Histórico, materiais, atividades, alternativas de uso do equipamento público).”</i>		<i>“Temas correlatos (cooperação entre os alunos, preocupação com o meio ambiente.”</i>	<i>“Noções de segurança”</i>
LV	<i>“Materiais alternativos, como construir roteiros, mapas, sinalizar a escola, orientações e dicas para aproveitamento e adaptação do espaço físico de diferentes realidades; Não exclusão de estudantes com poucas habilidades, pouca condição física, sobrepeso, medo, timidez, tdah, autismo e outras situações relacionadas à neuro-divergências.”</i>			<i>“Assim como percepções preventivas de segurança.”</i>
MFA	<i>“Material, Planejamento e organização das atividades.”</i>	<i>“Quais habilidades que ela está desenvolvendo.”</i>		<i>“Segurança da atividade proposta.”</i>
			<i>“Empatia diante das dificuldades e inseguranças dos participantes.”</i>	<i>“Informações sobre segurança durante a prática.”</i>

Fonte: O Autor, 2024.

Análise temática (Braun e Clarke) – Análise da Pergunta 39:

Tabela 7 – Estabelecimento dos códigos iniciais

Excerto do texto	Códigos iniciais
<i>“Foi muito esclarecedora.” (Cursista LV, 2024).</i>	Elogio ao curso.
<i>“Vai contribuir para eu ter mais segurança na confecção e condução das minhas aulas.” (Cursista LV, 2024).</i>	Curso deu mais confiança para a prática.
<i>“Eu senti falta na última atividade de mais detalhes sobre a construção da corrida de orientação.” (Cursista LV, 2024).</i>	Críticas ao curso = faltou tempo.

Excerto do texto	Códigos iniciais
<i>“Achei muito rica todas as atividades.” (Cursista IVB, 2024).</i>	Elogio ao curso.
<i>“Sugestão de ressignificar a prática foi a grande contribuição pra minha prática.” (Cursista IVB, 2024).</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (skate, slackline)
<i>“Ampliou a visão sobre a PCA, possibilitando novas abordagens nas minhas aulas.” (Cursista JGV, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades)
<i>“Ficou faltando um aporte em corrida de orientação.”(Cursista JGV, 2024)</i>	Críticas ao curso = faltou tempo
<i>“Amei a experiência e cada vivência.” (Cursista KMA, 2024)</i>	Elogio ao curso
<i>“O workshop proporcionou-me, aprender sobre atividades que não sabia, vivenciá-las com o meu corpo.” (Cursista KMA, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas aprendizagens)
<i>“Sinto-me mais segura e preparada para aplicar essas práticas em minhas aulas.” (Cursista KMA, 2024)</i>	Curso deu mais confiança para a prática
<i>“Acredito que com o grupo do WhatsApp eu tenho a quem recorrer, em caso de dúvidas ou para pensar coletivamente em soluções.”(Cursista KMA, 2024)</i>	Apoio social
<i>“Na escola que eu trabalho ser muito difícil ter essa troca com os(as) outros(as) professores(as).” (Cursista KMA, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (espaço de trocas profissionais)
<i>“Muito agregador! Pelo ótimo conteúdo e também pelas trocas com os participantes.” (Cursista LRM, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas aprendizagens)
<i>“Também pelas trocas com os participantes e suas experiências.” (Cursista LRM, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (espaço de trocas profissionais)
<i>“A parte prática foi fundamental, com materiais excelentes e oportunizando as situações aos participantes.”(Cursista LRM, 2024)</i>	Elogio ao curso (parte prática)
<i>“Experiência foi muito enriquecedora do ponto de vista das trocas pedagógicas.” (Cursista ACT, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (espaço de trocas profissionais)
<i>“Possibilidades de atividades/vivências a serem realizadas no ambiente escolar sobre cada prática realizada.” (Cursista ACT, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades)
<i>“A experiência vivida foi de grande valia. Me motiva como professora a desenvolver e desafiar a mim e a meus alunos a aproveitar os ambientes.” (Cursista CFA, 2024)</i>	Curso deu mais confiança para a prática
<i>“Oferecer emoções diversificadas para o crescimento pessoal de cada um.” (Cursista CFA, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades)

Excerto do texto	Códigos iniciais
<i>“Achei incrível.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Elogio ao curso
<i>“Não tinha vivenciado muitas dessas práticas, a maioria foi a primeira vez.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas aprendizagens)
<i>“Elas resgataram memórias da infância, além de deixar um gostinho que quero mais.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Sentimentos evocados pelo workshop.
<i>“O professor Bruno foi ótimo, sempre aberto as dúvidas e colocações dos nossos colegas para enriquecer o nosso encontro.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (espaço de trocas profissionais) = foco na Mediação.
<i>“Esse workshop ampliou o meu olhar sobre esse tipo de prática.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades)
<i>“Mostrando as infinitas possibilidades que podemos trazer para a nossa sala de aula e para a vida.” (Cursista ISC, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades) == além da prática pedagógica, para a vida === foco da dissertação como ferramenta autorregulatória.
<i>“Foi informático, troca de experiências.” (Cursista MAF, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (espaço de trocas profissionais).
<i>“Despertou memórias da infância.” (Cursista MAF, 2024).</i>	Sentimentos evocados pelo workshop.
<i>“Me fez pensar o quanto eu posso melhorar a minha prática em sala de aula.”(Cursista MAF, 2024)</i>	Repensar a prática pedagógica.
<i>“Foi uma ótima experiência.” (Cursista NGS, 2024)</i>	Sentimentos evocados pelo workshop Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades) == além da prática pedagógica, para a vida === foco da dissertação como ferramenta autorregulatória
<i>“Pude experimentar práticas que nunca antes havia praticado.” (Cursista NGS, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas aprendizagens)
<i>“Me superei com relação à vergonha e insegurança.”(Cursista NGS, 2024)</i>	Contribuição do curso para a prática pedagógica (novas possibilidades, potencialidades) == além da prática pedagógica, para a vida === foco da dissertação como ferramenta autorregulatória
<i>“Me senti encorajada a me desafiar e superar meus medos e apesar de não ter feitos algumas atividades por conta da vergonha e insegurança, me senti muito bem depois que experimentei outras.” (Cursista NGS, 2024)</i>	Curso deu mais confiança para a prática

Fonte: O Autor, 2024.

Tabela de respostas à questão 39:

Tabela 8 – Estabelecimento dos temas finais para análise

Cursista	Contribuição do curso para a prática pedagógica e possibilidades	Ficou faltando	Apoio social	Experiências e reflexões
ACT	<i>“Possibilidades de práticas a serem trabalhadas dentro dessa temática; possibilidades de atividades e materiais/adaptações de materiais para cada prática; possibilidades de temas transversais/discussões teóricas para casa prática.”</i>			<i>“A experiência foi muito enriquecedora do ponto de vista das trocas pedagógicas, e das possibilidades de atividades/vivências a serem realizadas no ambiente escolar sobre cada prática realizada.”</i>
CFA	<i>“Como as práticas corporais de aventura têm se tornado cada vez mais comuns no cotidiano dos jovens e como será de grande valia a introdução delas nas aulas de Educação Física. E assim oferecer emoções diversificadas para o crescimento pessoal de cada um.”</i>		<i>“Me motiva como professora a desenvolver e desafiar a mim e a meus alunos a aproveitar os ambientes e lidar com riscos e perigos advindos da imprevisibilidade, mas também a calcular formas de minimizar riscos com o apoio dos colegas.”</i>	<i>“A experiência vivida foi de grande valia.”</i>
ISC	<i>“Resumo da história dos esportes que contemplam as PCAs, regras, benefícios e curiosidades, além de sugestões de como adaptar esses esportes para os diferentes ambientes e recursos. Esse workshop ampliou o meu olhar sobre esse tipo de prática, mostrando as infinitas possibilidades que podemos trazer para a nossa sala.”</i>		<i>“Não tinha vivenciado muitas dessas práticas, a maioria foi a primeira vez... Elas resgataram memórias da infância, além de deixar um gostinho que quero mais.”</i>	<i>“Achei incrível. O professor Bruno foi ótimo, de aula e para a vida, sempre aberto às dúvidas e colocações dos nossos colegas para enriquecer o nosso encontro. Obrigada.”</i>
IVB	<i>“Enfatizar os aspectos de segurança deve ser passado já nas primeiras aulas.”</i>			<i>“Achei muito rica todas as atividades. Os deslocamentos usando a slackline como apoio</i>

Cursista	Contribuição do curso para a prática pedagógica e possibilidades	Ficou faltando	Apoio social	Experiências e reflexões
	<p><i>Iniciar com uma vivência bem livre dos momentos e na sequência apontar as possibilidades de acidentes.</i></p> <p><i>A sugestão de ressignificar a prática foi a grande contribuição pra minha prática, principalmente na slackline e no skate.”</i></p>			<p><i>e o tapete para deslize, a passagem de um lado ao outro por baixo da Slack foram bem interessantes.”</i></p>
JGV	<p><i>“Informações técnicas sobre as atividades e materiais, dicas de utilização e prática, informações sobre segurança e atividades propostas.”</i></p>	<p><i>“Só achei que ficou faltando um aporte em corrida de orientação, é o tema que foi menos abordado e o que mais me falta conhecimento. fui pensando em aprender mais sobre a modalidade.”</i></p>		<p><i>“Ampliou a visão sobre a PCA, possibilitando novas abordagens nas minhas aulas.”</i></p>
KMA	<p><i>“Habilidades que a atividade abarca, progressões de dificuldade, exemplos de exercícios, tipos de matérias e quais matérias poderiam ser adaptados ou quais estratégias poderiam ser adotadas para chegar ao mesmo objetivo.”</i></p>		<p><i>“Hoje sinto-me mais segura e preparada para aplicar essas práticas em minhas aulas e também acredito que com o grupo do WhatsApp eu tenho a quem recorrer, em caso de dúvidas ou para pensar coletivamente em soluções.</i></p> <p><i>Principalmente por na escola que eu trabalho ser muito difícil ter essa troca com os(as) outros(as) professores(as).”</i></p>	<p><i>“Ótimo! Eu realmente amei a experiência e cada vivência. É triste ter que chegar aos 26 anos e só ter passado por isso agora, mesmo estando formada há apenas 3 anos. Mas, acredito que independente do tempo, o aprendizado deve ser constante e diário e foi isso que o workshop me proporcionou, aprender sobre atividades que não sabia, vivenciá-las com o meu corpo, ter uma bagagem teórica, pensar em estratégias de participação plena dos estudantes ou quais adaptações/estratégias são viáveis de apresentar a eles.</i></p> <p><i>Muito obrigada pela oportunidade e desejo que muitas outras</i></p>

Cursista	Contribuição do curso para a prática pedagógica e possibilidades	Ficou faltando	Apoio social	Experiências e reflexões
				<i>“pessoas apareçam pela minha trajetória.”</i>
LRM	<i>“Histórico, materiais, atividades, noções de segurança, temas correlatos (cooperação entre os alunos, preocupação com o meio ambiente, alternativas de uso do equipamento público).”</i>		<i>“Pelo ótimo conteúdo e também pelas trocas com os participantes e suas experiências. A parte prática foi fundamental, com materiais excelentes e oportunizando às situações aos participantes.”</i>	<i>“Muito agregador! Parabéns ao Bruno e aos outros colaboradores do trabalho! Ansioso para o próximo evento!”</i>
LV	<i>“Um passo a passo de cada modalidade, com atividades introdutórias, materiais alternativos, como construir roteiros, mapas, sinalizar a escola, orientações e dicas para aproveitamento e adaptação do espaço físico de diferentes realidades, assim como percepções preventivas de segurança e atendimento e não exclusão de estudantes com poucas habilidades, pouca condição física, sobrepeso, medo, timidez, tdah, autismo e outras situações relacionadas à neurodivergências.”</i>	<i>“Eu senti falta na última atividade de mais detalhes sobre a construção da corrida de orientação, como por exemplo, a confecção do mapa para os estudantes, a marcação dos pontos, a sinalização pela escola, cálculos, desafios e mistérios que podem haver a partir do mapa.”</i>		<i>“Foi muito esclarecedora e vai contribuir para eu ter mais segurança na confecção e condução das minhas aulas.”</i>
MFA	<i>“Material, Planejamento e organização das atividades e quais habilidades que ela está desenvolvendo e segurança da atividade proposta.”</i>		<i>“Troca de experiências, despertou memórias da infância.”</i>	<i>“Gostei bastante. Foi informático, também me fez pensar o quanto eu posso melhorar a minha prática em sala de aula.”</i>
NGS	<i>“Informações sobre segurança durante a prática, empatia diante das dificuldades e seguranças dos</i>		<i>“Me senti encorajada a me desafiar e superar meus medos e apesar de não ter feitos algumas</i>	<i>“Foi uma ótima experiência. Pude experimentar práticas que nunca antes havia praticado e me superei</i>

Cursista	Contribuição do curso para a prática pedagógica e possibilidades	Ficou faltando	Apoio social	Experiências e reflexões
	<i>participantes.”</i>		<i>atividades por conta da vergonha e insegurança, me senti muito bem depois que experimentei outras.”</i>	<i>com relação à vergonha e insegurança.”</i>

Fonte: O Autor, 2024.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Bem-vindo ao nosso WORKSHOP!

O primeiro momento do Workshop será reservado à realização do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido, por esta atividade de extensão se tratar, também, de uma etapa de Pesquisa do Curso de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CP II



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa denominada: **A UTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA (PCA) COMO FERRAMENTA AUTORREGULATÓRIA PARA AUTORREFLEXÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II e que diz respeito a uma dissertação de mestrado.

OBJETIVO: O objetivo do estudo é analisar o potencial de aplicabilidade de um material didático com orientações sobre a prática pedagógica nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II, que visa analisar de que forma as PCA podem servir como ferramenta autorregulatória para autorreflexão sobre a prática de atividade física e sobre os cuidados com a saúde física, emocional e social, sob o ponto de vista de professores de Educação Física que atuam nesse segmento de Ensino.

PROCEDIMENTOS: a sua participação consistirá em: participar de um workshop sobre PCA voltado para professores de Educação Física que atuam nas redes públicas e privadas de ensino e responder questionários on-line com o objetivo de avaliar o potencial de aplicabilidade da unidade didática nas aulas de Educação Física para o 9º ano do Ensino Fundamental. Os registros sobre a pesquisa também poderão ser feitos através de gravação em áudio, registro em fotografia e registro em vídeo.

POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode ter algum nível de incômodo ou dificuldade para acessar o formulário on-line e preenchê-lo, o que pode causar certo cansaço ou estresse. O curso de extensão pode gerar cansaço e provocar algum tipo de lembrança desconfortável. Para minimizar estas possíveis dificuldades, a pesquisadora se compromete a manter-se atenta aos sinais verbais e não verbais dos participantes e à disposição para prestar esclarecimentos sobre o acesso ao questionário, e se for o caso, ao curso de extensão, além de dirimir dúvidas a respeito deles. O participante pode acessar os dados da pesquisa e será respeitado em seus valores, hábitos e costumes. A pesquisa não traz benefícios diretos ao participante, mas, por outro lado, pode contribuir para o aprimoramento da formação profissional como docente na atuação com as PCA no ambiente escolar, além de contribuir para os cuidados com a melhoria da saúde física, mental e social.

GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O pesquisador responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

LIBERDADE DE RECUSA: a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLÉ) e a outra ficará com o pesquisador. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo pesquisador. O pesquisador garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao pesquisador Bruno Rodrigues Dias pelo telefone (021) 96480 3086. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CP II), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903/TEL: 21 3891-0020 – E-mail: cep@cp2.g12.br
Site: <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/>

ANEXO A – PARECER DO CEP COM APROVAÇÃO

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2217858.pdf	25/09/2023 15:04:58		Aceito
Outros	Modelo_TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE_Bruno_Rodrigues_Dias_assinado.pdf	25/09/2023 11:51:53	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Modelo_DECLARACAO_ISENCAO_DE_CUSTOS_Bruno_Rodrigues_Dias_assinado.pdf	25/09/2023 11:37:57	BRUNO R DIAS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_BRUNO_R_DIAS_assinado.pdf	25/09/2023 11:34:24	BRUNO R DIAS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	22/09/2023 17:12:30	BRUNO R DIAS	Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MAIORES_DE_IDADE_BRUNO_R_DIAS_assinado.pdf	22/09/2023 17:06:59	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Questionario_Dia02.pdf	22/09/2023 17:06:44	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Questionario_Dia01.pdf	22/09/2023 17:06:25	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Questionario_Caracterizacao_Participantes.pdf	22/09/2023 17:06:00	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	ANEXO_III_CURSO_DE_EXTENSAO_20H_assinado.pdf	22/09/2023 17:05:29	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	CURSO_DE_EXTENSAO_20H_BRUNO_R_DIAS_assinado.pdf	22/09/2023 17:04:59	BRUNO R DIAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_E_CURRICULO_LATTES_BRUNO_R_DIAS_assinado.pdf	22/09/2023 17:04:26	BRUNO R DIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_BRUNO_DIAS_21setembro2023_assinado.pdf	22/09/2023 17:04:13	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_BRUNO_R_DIAS_assinado.pdf	22/09/2023 17:03:54	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	declaracao_de_orientacao_bruno_assinado.pdf	22/09/2023 17:03:22	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	folhaDeRosto_assinado.pdf	22/09/2023 17:01:55	BRUNO R DIAS	Aceito
Outros	Documentos_anexados.pdf	22/09/2023 17:01:27	BRUNO R DIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 09 de Outubro de 2023

Assinado por:
ROGERIO MENDES DE LIMA
(Coordenador(a))